



**UNIFAP**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CURSO BACHARELADO EM JORNALISMO

LUMA CAVALCANTE COUTINHO

**O PAPEL DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS EM MACAPÁ: PENSAR A ESPIRAL DO  
SILÊNCIO E A VOZ DAS MINORIAS**

Macapá-AP

2022

LUMA CAVALCANTE COUTINHO

**O PAPEL DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS EM MACAPÁ: PENSAR A ESPIRAL DO  
SILÊNCIO E A VOZ DAS MINORIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Coordenação do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vitor Giraldi Pires

Macapá-AP

2022

LUMA CAVALCANTE COUTINHO

**O PAPEL DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS EM MACAPÁ: PENSAR A ESPIRAL DO  
SILÊNCIO E A VOZ DAS MINORIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Paulo Vitor Giralddi Pires  
(Universidade Federal do Amapá - UNIFAP)  
Presidente/Orientador

---

Prof. Dr. Rafael Wagner dos Santos  
(Universidade Federal do Amapá - UNIFAP)

---

Profa. Ms. Patrícia Teixeira Azevedo Wanderley  
(Universidade Federal do Amapá - UNIFAP)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu querido pai, que tanto batalhou para que nada me faltasse, me ensinando que o amor é a verdadeira joia rara da vida. Sei que ele está muito orgulhoso do lugar de onde estiver. À minha mãe, que mesmo interrompendo seus próprios estudos por conta da gravidez, sempre me ensinou que a Educação transforma vidas. E por fim, ao grande Padre Aldenor Benjamim (*in memoriam*), por ter profetizado que seria meu professor antes mesmo de eu ingressar na universidade, pelos ensinamentos e o grande trabalho que ele fez em prol da UNIFAP e de toda essa comunidade.

## AGRADECIMENTOS

À Deus por ser a minha força, concedendo-me ânimo necessário para nunca desistir dos meus objetivos, não importando as lutas diárias e as críticas.

À minha família em especial minha mãe, Marciane Furtado, mulher que renunciou seus próprios sonhos para me criar com todo amor e dedicação, ensinando-me que o conhecimento é nossa maior riqueza e sempre me dando total apoio.

Ao meu saudoso pai Olívio Coutinho (*in memoriam*), por ter sido um exemplo de força e garra me inspirando a ser uma mulher batalhadora e honesta. Sempre foi motivo de orgulho para ele me ver realizando meus sonhos. E ao meu irmão João Pedro Coutinho, que é meu melhor amigo e parceiro para todos os momentos, sempre me impulsionando a ser melhor e a não desistir dos meus objetivos.

Aos Professores, pela dedicação em repassar os muitos ensinamentos para minha formação profissional, ensinamentos que levarei para a vida toda. Em especial ao professor Paulo Giraldi pela dedicação e paciência em me orientar neste trabalho.

E por fim, quero agradecer a mim mesma, por não ter dado ouvidos a tantas pessoas que proclamavam o meu não sucesso profissional e pessoal. Graças a minha perseverança e humilde que estou dando esse grande passo na minha vida. A Luma de anos atrás que estudou a vida toda em escola pública, se orgulha muito da Luma do presente que está se formando profissionalmente.

“Existem dias em que o jornalismo registra fatos que, no futuro, serão contados nos livros - e serão guardados por gerações. Nesses dias, o que o jornalismo faz é escrever a história”.

Fátima Bernardes

## RESUMO

As rádios comunitárias desempenham papel primordial em nossa sociedade. Por meio de suas programações oportunizam que as minorias esquecidas e marginalizadas tenham voz. Dessa maneira, esta pesquisa compreende o papel social e comunicacional de três rádios comunitárias de Macapá, localizadas nos bairros Perpétuo Socorro, Mucajá e Porto do Céu; buscando entender como essas emissoras são ferramentas para promover a ruptura da Espiral do Silêncio. Sendo assim, para responder à problemática, o estudo analisa como as rádios promovem essa ruptura, por meio da participação do receptor-ouvinte na programação local. A investigação se justifica, a partir da necessidade de avaliar como esse veículo de comunicação radiofônica comunitária se constitui uma ferramenta democrática e de resistência para populações marginalizadas. Outrossim, o rádio se apresenta como uma nova fonte de pesquisa ao meio acadêmico podendo instigar estudos acerca da temática. Esta pesquisa desenvolveu-se por meio de um estudo bibliográfico atrelado ao estudo de campo, estabelecendo entrevistas semiestruturadas, com pessoas diretamente envolvidas com as rádios comunitárias de Macapá, lócus da pesquisa. Mediante os pressupostos, foi constatado que as rádios comunitárias são, de fato, uma das formas que as comunidades macapaenses, estudadas no período de agosto a setembro do ano de 2020, utilizam para romper com a espiral do silêncio. Entretanto, no contexto em questão, também ficou evidente que a concretização deste pressuposto perpassa pela conscientização daqueles que administram e gerenciam essas rádios como participantes ativos no processo de ruptura do silenciamento da grande mídia. Por fim, se faz necessário fomentar o protagonismo dos atores sociais nas comunidades onde as rádios estão inseridas e, principalmente, instigar a construção de uma consciência crítica nas populações atingidas pelas programações desses veículos.

**Palavras-chave:** Cidadania. Espiral do Silêncio. Mídias. Participação popular. Rádios Comunitárias.

## ABSTRACT

Community radios play a key role in our society. Through their programs, they provide opportunities for forgotten and marginalized minorities to have a voice. In this way, this research seeks to answer whether the community radios of Macapá, located in the neighborhoods Perpétuo Socorro, Mucajá and Porto do Céu, are tools to promote the rupture of the Espiral do Silêncio. Therefore, to seek to answer this problem, the study analyzes how radios promote this rupture, through the participation of the receiver-listener. The investigation is justified, as it is necessary to understand how this type of radio communication vehicle becomes a tool of resistance for marginalized populations. Furthermore, the radio presents itself as a new source of research to the academic environment, which can instigate studies on the subject. This research was developed through a bibliographic study linked to the field study, establishing interviews with people who are directly involved with community radio stations in Macapá, the locus of the research. Based on the assumptions, it was found that community radios are in fact one of the ways that Macapa communities, studied from August to September of the year 2020, use to break the spiral of silence. However, in the context in question, it was also evident that the realization of this assumption

involves the awareness of those who administer and manage these radios as active participants in the process of breaking the silencing of the mainstream media. Finally, it is necessary to promote the role of social actors in the communities where the radios are located and, mainly, to instigate the construction of a critical conscience in the populations affected by the programs of these vehicles.

**Keywords:** Citizenship. Spiral of Silence. media. Popular participation. Community Radios.



## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1	PELAS ONDAS DO RÁDIO: Historicidade e legislação da rádio comunitária no Brasil	12
2.2	PELAS ONDAS DO RÁDIO: A rádio comunitária na realidade amazônica	16
2.2.1	A EXPANSÃO DA RÁDIO COMUNITÁRIA NO AMAPÁ E PARÁ	19
2.2.2	O PERCURSO HISTÓRICO DA RÁDIO DIFUSORA EM MACAPÁ E A COMUNICAÇÃO COM A POPULAÇÃO	22
2.3	PELAS ONDAS DO RÁDIO: Espiral do Silêncio, a teoria que cala os que precisam de voz	24
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	36
4.1	A PARTICIPAÇÃO DAS COMUNIDADES NA PROGRAMAÇÃO DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS	36
4.4	AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS E A ESPIRAL SILÊNCIO: As implicações no cotidiano amapaense	54
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	60
	ANEXOS	65

## 1 INTRODUÇÃO

A comunicação sempre desempenhará um papel de fundamental importância na vida das pessoas. Não há como viver isolado ou aparentemente sem nenhum contato com a sociedade em que se vive. O direito à comunicação provoca no ser humano um sentimento de exercício de cidadania, fomentando, assim, iniciativas de uma possível Comunicação Comunitária.

Cabe aqui mencionar que vivemos em uma sociedade engendrada em um contexto de grande desigualdade social, econômica, política e cultural. Por vezes, diversos grupos minoritários têm seu direito a voz e reivindicação cerceados, principalmente, pelos grandes veículos de comunicação e conglomerados de mídias, como as grandes rádios, emissoras de TV e sites comerciais, e que não retratam o cotidiano dos mesmos.

A partir desta vertente, a pesquisa científica originou-se da seguinte indagação: As rádios comunitárias de Macapá têm sido uma ferramenta para despertar a voz das minorias e garantir a ruptura da Espiral do Silêncio? A partir desta problemática, foi verificado que as rádios comunitárias se apresentam como ferramenta bastante eficaz de inclusão dessas minorias, pois surgem como instrumentos que possibilitam a participação, no qual os indivíduos podem amplificar o alcance de suas reivindicações.

Nesse contexto, por meio da rádio, os indivíduos têm a possibilidade de expor e serem escutados por um número considerável de ouvintes, funcionando como elementos de contraposição aos veículos hegemônicos de informação, dando voz e vez aos mais diversos atores sociais. Dessa maneira, no intuito de verificar a indagação gerada por esta pesquisa, o estudo teve como objetivo geral analisar o papel das rádios comunitárias em Macapá frente à Teoria da Espiral do silêncio e a voz das minorias.

Para tanto, esta pesquisa desdobra-se, tendo como objetivos específicos: investigar de que forma as comunidades participam da programação diária dessas rádios comunitárias; verificar como as rádios comunitárias têm difundido questões socioculturais da comunidade na Amazônia Macapaense; e, identificar como a Teoria da Espiral do Silêncio repercute na sociedade frente a tentativa de representação e inclusão das minorias nos Meios de Comunicação, em especial o rádio em Macapá.

Por conseguinte, a fundamentação teórica desta pesquisa organiza-se da seguinte forma: historicidade e legislação das rádios comunitárias, seguido pela apresentação do percurso da rádio pela Amazônia, evidenciando o estado do Amapá e o estado do Pará, continuamente se fez um adendo para retratar a espiral do silêncio, concluindo com uma análise da rádio comunitária oportunizando voz às minorias.

As sessões prosseguem apresentando a metodologia empregada na pesquisa, a qual demonstra que o estudo de campo foi analisado mediante estudo histórico e descritivo, por meio de entrevistas semiabertas com 10 participantes. Na sequência, apresenta a discussão dos resultados encontrados de acordo com o entrelaçar dos preceitos teóricos e das análises de dados.

Tais análises são relevantes, constatando que os indivíduos das comunidades mais remotas do nosso país são marginalizados, excluídos e isolados, tendo pouquíssimas oportunidades para desfrutar de uma boa qualidade de vida, bem como de participarem do processo de Democratização da Comunicação e acesso à informação. Este fato tem consequências graves, que vão desde a depreciação de opiniões e ideias, até mesmo prejuízos na divulgação de notícias e fatos que ocorrem nas comunidades. Esses personagens apenas disseminam o que a grande mídia determinar, já que os atores sociais envolvidos não terão direito a manifestar seus ideais.

A partir do exposto, se torna de extrema importância analisar o papel das rádios comunitárias frente à Teoria da Espiral do Silêncio - primeira teoria feminina, e voz das minorias, pois estas demonstram ter funções essenciais à vida comunitária. Principalmente no que se refere ao exercício da cidadania, a construção de suas identidades sociais, a promoção de suas culturas e a livre expressão daquilo que pensam.

Seu estudo se justifica por agregar valor social e cultural para a sociedade, abrindo um novo leque de pesquisas referentes à temática, sendo uma fonte de pesquisa acadêmica, promovendo o entendimento do papel primordial desempenhado pelas mesmas.

Este papel se firma na compreensão de que as rádios são ferramentas alternativas, participativas e populares, conseguindo dominar o seu espaço na sociedade com o auxílio de segmentos excluídos da população, como sintetiza

Peruzzo (2006). Partindo do anseio de fazer valer seus direitos e vivenciar a democratização da informação, o rádio também contribuiu para a disseminação dessa nova ideia que despertou nos 'esquecidos' uma chance de falarem e serem ouvidos.

Na comunicação comunitária a participação da sociedade é o fator principal no contexto da rádio. A população deixa de, apenas, receber a notícia, passando assim, a transmitir e compartilhar as informações sobre os fatos com o povo que abrange o espaço que pertence à rádio comunitária, contribuindo com a valorização da cultura, da educação e bem-estar de todos.

Por fim, é preciso deixar clara a necessidade de se estabelecer padrões democráticos nas programações das rádios, a fim de que a população se sinta evidenciada e sua voz seja atribuída como fonte legítima de informação. Sendo assim, a rádio será de fato a ferramenta que causará a ruptura da espiral do silêncio, em detrimento a essa ocorrência o estudo se baseou em promover essa discussão e comprovar a rádio comunitária como aquela que reafirma e legitima a voz das comunidades.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 PELAS ONDAS DO RÁDIO: Historicidade e legislação da rádio comunitária no Brasil**

O rádio, desde os primórdios de sua criação, é um veículo de comunicação em constante transformação e adaptação. A partir desta premissa norteadora, este capítulo apresentará um resgate sócio-histórico, salientando de forma analítica a evolução das rádios enquanto veículos comunicativos e informacionais bem como seus impactos na vida em sociedade (KOCHHANN et al., 2011).

Como um meio em constante transformação, o rádio se apresenta em diferentes formatos, com emissoras de variadas configurações e objetivos. Partindo do contexto histórico, a rádio Difusora SP, de São Paulo, iniciou suas atividades em meados do século XX, onde pôde se desenvolver, crescer e conquistar o seu espaço como meio de comunicação para a população brasileira (SANTOS et al., 2019).

Para entender estas modificações ocorridas no rádio com o passar do tempo é necessário abordar a primeira transmissão radiofônica ocorrida no Brasil, que está datada no dia 07 (sete) de setembro de 1922, na cidade do Rio de Janeiro, em

comemoração ao centenário da independência. A convite da Repartição Geral dos Telégrafos, a Westinghouse International Company realizou a transmissão em forma de demonstração pública, na qual 80 receptores foram disponibilizados a autoridades. Assim, possibilitou que as transmissões chegassem aos mais diversos pontos, tal episódio permitiu a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Roquette-Pinto (ORTRIWANO, 1985). Assim sendo, e conforme Moreira (2000) afirma, pode-se dizer que a história do rádio no Brasil iniciou no ano de 1922.

Desde o início, a radiodifusão se mostrou como um elemento fundamental para a comunicação à distância, em que a primeira emissora de rádio comercial entrou em funcionamento em 1920, nos Estados Unidos. No Brasil, as inovações internacionais foram acompanhadas de perto. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira emissora de rádio brasileira, criada por Roquette-Pinto e Henrique Morize, iniciou suas transmissões oficialmente em 1923 (CALABRE, 2003).

No ano de 1923 a primeira emissora brasileira foi regulamentada e cuja transmissão iniciou em 1º de maio. Aos poucos a programação foi sendo estruturada, buscando interligar cultura, música e artes, porém os aparelhos receptores eram poucos para o quantitativo populacional. Neste contexto, a rádio ainda não podia ser considerada de massa, uma vez que havia poucos ouvintes e estes pagavam mensalidades para manter o funcionamento das transmissões (FARRANETTO, 2000).

Assim, tudo era organizado em sistema de sociedade, com uma programação voltada para a elite. Todavia, a rádio teve um desenvolvimento lento até o momento em que foram permitidas propagandas comerciais que levaram à organização de empresas para disputar o mercado (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2018). A partir da popularização do meio e do aparecimento de novas rádios, foi necessário o controle específico dos serviços de radiodifusão. As primeiras legislações que versavam sobre o tema datam ainda da década de 1920, ainda na fase amadora do rádio brasileiro (SANTOS et al, 2019).

De acordo com o decreto nº 16.657 de 1924, as programações deveriam ter a finalidade de formação educativa, científica, artística e que trouxessem benefícios ao povo, ficando proibidas notícias de caráter político sem autorização do governo. O decreto também determinava que só seriam feitas concessões a sociedades nacionais, legalmente constituídas e que as transmissões deveriam ser realizadas em Língua Portuguesa. (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2018).

Nos anos de 1930, a rádio se transformaria no principal veículo propagandístico da Revolução Constitucionalista. Diante de toda a movimentação daquele período, o rádio não ficaria imune. O Decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas, autorizava a utilização de propaganda por meio deste veículo, transformando-o em meio de comunicação de massa (TEIXEIRA; ALMEIDA, 2014).

Para Ortriwano (1985), a expansão da radiodifusão é favorecida pelo contexto político-econômico da época: o comércio e a indústria ganhavam força e precisavam introduzir seus produtos no mercado interno, através do incentivo ao consumo. Aliado a isso, o poder Executivo estava fortemente centralizado nas mãos de Getúlio Vargas, que foi o primeiro governante brasileiro a perceber as potencialidades políticas do rádio.

Na década de 1930, a situação gerada pelo decreto assinado na década anterior se altera, pois, entre 1930 e 1937 foram fundadas 43 emissoras. O que se atribui à legislação aprovada em 1931 e regulamentada em 1932, com os decretos nº 20.047 e 21.111, de 27 de maio de 1931 e 1º de março de 1932, respectivamente. Uma grande parcela de contribuição para o surgimento e consolidação de uma conjuntura favorável ao rádio. A nova legislação tornou o sistema de radiodifusão potente e eficaz, aperfeiçoando e atualizando o decreto de 1924. É o fim da ideia de um rádio experimental e amador (CALABRE, 2003).

Dessa forma, a década de 1930 foi o marco de grandes avanços para o rádio brasileiro já que foram editados os primeiros decretos que tratavam a radiodifusão como atividade profissional, permitindo o uso comercial do meio e regulamentando a publicidade (SANTOS et al., 2019).

Os decretos assinados nos anos de 1931 e 1932 que regulamentavam o funcionamento técnico das emissoras e liberavam a veiculação de publicidade, instituíram o rádio comercial. Iniciando a partir desta premissa a expansão dos serviços de radiodifusão no país. Nas décadas posteriores, surgem no cenário nacional, centenas de novas emissoras nos recantos mais escondidos do Brasil (TEIXEIRA; ALMEIDA, 2014).

Zuculoto (2003) afirma que em 1940, a rádio experimenta sua década de maior sucesso, pois nesta época a concorrência aumenta e a produção de conteúdo se diversifica, visando à conquista do público. São introduzidos em suas programações,

programas voltados ao entretenimento, radionovelas, programas humorísticos e até notícias, desde as impressas até as de fontes próprias.

Roquette-Pinto (2003) explica que na década de 50, buscou-se firmar a educação por meio da produção e transmissão de programas de ensino formal, com aulas pelo rádio. É a fase do advento das rádios educativas vinculadas a universidades, na qual há a consolidação da radiofonia voltada para o ensino instrucional e educação não-formal, tendo a Rádio MEC-Rio e a Cultura AM de São Paulo como referências. Neste período foi criado o SINRED - Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa, que reuniu emissoras educativas em coproduções e transmissões de programas em cadeia nacional para a educação da população.

Dessa forma, por 25 anos, a rádio com suas atividades voltadas para a educação, inicia a sua expansão no eixo Rio - São Paulo, gerando novos projetos voltados para a educação. É nessa fase que surgem no Rio de Janeiro e em São Paulo, as Universidades no Ar. A partir disto, em 1958 é inaugurada na Universidade do Rio Grande do Sul, a primeira rádio universitária brasileira, dando seguimento assim para outras universidades expandirem a sua educação com a ajuda de suas próprias rádios universitárias (VAILATI, 2015). Vale destacar que as escolas radiofônicas se tornaram as mais consistentes experiências de utilização do rádio na construção e exercício da cidadania (BLOIS, 2004, p. 156).

Apesar da grande quantidade de rádios que surgiram com as inúmeras legislações, que facilitam o advento desses novos veículos de comunicação para diversas finalidades, também deve ser destacado o surgimento de emissoras que faziam suas transmissões de maneira clandestina. Este movimento ganhou força em meados da década de 1970 e estas rádios ganharam a nomenclatura de rádios piratas (SANTOS et al., 2019).

Embora hoje o nome seja usado para se referir a qualquer tipo de rádio ilegal, as rádios piratas tiveram início na Grã-Bretanha do final dos anos 1950 quando vários barcos equipados com transmissores navegavam pelos mares apontando suas antenas para terras inglesas (SOUZA, 1997). No Brasil, as emissoras piratas foram criadas com o objetivo de obter lucro com a exploração comercial do rádio.

Este objetivo diferencia as 'rádios piratas' das comunitárias e livres. Enquanto essas primeiras compreendem o rádio como um negócio lucrativo e, em termos de programação, não apresentam nada de novo em relação à programação das rádios

oficiais, as rádios livres têm caráter ideológico, libertário, auto gestor e objetivam contestar o monopólio dos modelos de programação das rádios oficiais (SANTOS et al., 2019).

A primeira Rádio livre (comunitária) do Brasil foi criada por jovens da Vila Nossa Senhora de Fátima, região periférica da cidade de Belo Horizonte, no ano de 1981. Chamada de Rádio Favela, a emissora surgiu a partir da necessidade das pessoas do local possuírem um veículo de comunicação adequado à sua cultura e ao seu cotidiano, sendo uma alternativa e se contrapondo às rádios que não representavam a realidade de uma comunidade localizada distante das áreas centrais da cidade (ANDRIOTTI, 2004).

Por cerca de 20 anos, as rádios comunitárias funcionaram de maneira ilegal no Brasil, não sendo amparadas ou controladas por nenhuma legislação específica. Apenas em 1997 passou a vigorar a lei nº 2.167 de 17 dezembro de 1997, que instituiu oficialmente o serviço de radiodifusão comunitária (SANTOS et al., 2019).

Em 19 de fevereiro de 1998, entra em vigor a lei nº 9.612 que regulamenta o serviço de Radiodifusão Comunitária, em seu Artigo 1º denomina o Serviço de Radiodifusão Comunitária à radiodifusão sonora, em frequência modulada. Era operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço, assim sendo, a referida lei ainda diz que o Serviço de Rádio de Difusão Comunitária tem por objetivo o atendimento à comunidade, com vistas a dar oportunidade à difusão de ideias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade; oferecer mecanismos à formação e integração da comunidade, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social; prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil (BRASIL, 1998).

Além disso, a legislação já mencionada, afirma que as emissoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária atenderão aos seguintes princípios: a preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas em benefício do desenvolvimento geral da comunidade, a promoção das atividades artísticas e jornalísticas na comunidade e da integração dos membros da comunidade atendida, respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família, favorecendo a integração dos membros da comunidade atendida e a não discriminação de raça, religião, sexo,



preferências sexuais, convicções político-ideológico-partidárias e condição social nas relações comunitárias (BRASIL, 1998).

A legislação que abrange as rádios comunitárias explicita que as zonas de alcance das mesmas não deverão ultrapassar o bairro ou a vila onde a rádio está instalada, podendo funcionar apenas com transmissores de baixa potência (até 25 watts) e altura máxima do sistema irradiante de 30 metros. Além disso, a licença para Serviço de Rádio Comunitária é outorgada exclusivamente a fundações e associações comunitárias sem fins lucrativos (SANTOS et al., 2019).

## **2.2 PELAS ONDAS DO RÁDIO: A rádio comunitária na realidade amazônica**

Em qualquer lugar o rádio é o veículo de comunicação de massa com o maior poder atualmente, este fato ocorre, já que qualquer pessoa tem acesso, além de poder levar para qualquer lugar seja uma canoa, uma bicicleta ou até mesmo sintonizar no celular. O sinal é melhor, não tem a reverberação (atraso na transmissão), ao contrário, tudo acontece na hora. Então, o rádio na Amazônia é de muita importância (SOUZA, 2018).

Em lugares onde as distâncias ainda se medem em dias de barco ou estrada (quando trafegável), a energia elétrica não é para todos e as novas tecnologias não chegam com facilidade e tão rápido, é o antigo rádio de pilha, justamente aquele que mais independe das fontes de energia, que rompe o isolamento de populações que lá habitam. É nesses locais que as rádios comunitárias se constituem, inúmeras vezes, não como modelo alternativo de comunicação, mas como única alternativa de produção local de informação. Esta é a realidade de regiões inteiras no interior da Amazônia brasileira (STEINBRENNER; HURTIENNE, 2012).

Sabemos que a vida na Amazônia tem uma ligação enorme com a natureza: o ciclo das chuvas, enchentes e vazantes, a reprodução dos peixes, as distâncias geográficas que o próprio cenário amazônico impõe na sua grandiosidade, a vida urbana e ribeirinha, seguem o fluxo dos rios e das florestas. Sobre isso, Neves destaca que para quem mora na Amazônia as estradas são os próprios rios que através da navegação se tem acesso aos interiores. Nesse sentido, não existem distâncias geográficas, existem diferentes espaços e povos no enredo amazônico, assim como

no mundo. O homem amazônico e a floresta são inseparáveis, a compreensão se dá na sua complexidade.

Desta forma, o rádio na Amazônia, além de ser um aparelho de comunicação, se insere como um componente do dia a dia da população amazônica, pois “[...] esse rádio torna-se uma espécie de espelho que reflete a identidade cultural do homem amazônida [...]” (MAFRA, 2014, p. 6). O rádio se molda e se transforma em um objeto de conexão entre a natureza e o cotidiano urbano e ribeirinho: nas casas, nos barcos, na roça, na canoa, o aparelho está presente no dia a dia.

A função do rádio na Amazônia também é o de mediação, de aproximar localidades, pessoas, famílias, pais e filhos, irmãos com irmãos, amigos com amigos, mesma função que o telégrafo, o telefone, o telegrama, a carta ou a internet. O rádio participa das emoções das pessoas, é essencial para quem está sozinho e precisa sentir-se acompanhado, os ribeirinhos levam os aparelhos receptores nos seus barcos, nas suas canoas, para a roça, para pescar, para o campo, ouvem o rádio como se fosse uma companhia que transmite emoção, faz passar o tempo, traz valores, informações e torna as viagens, que geralmente são longas, mais curtas (ROSTAN, 2005).

Na Amazônia, o rádio não é apenas uma voz que fala pelo aparelho, existe uma relação com outras realidades, ele faz com que as pessoas participem do acontecer de outros espaços se inserindo no mundo imaginário e fantasioso que a voz do infinito proporciona.

Ferreira (2005) aponta que com a chegada da rádio no norte do Brasil, um novo personagem adentrou os lares das pessoas, transformando o cotidiano dos povos da região. Essa transformação revolucionou o modo de vida amazônida, pois o contato com outras regiões, antes, era feito pelos barcos que abasteciam os seringais e as pequenas povoações de mercadorias. Quebrou, assim, o isolamento, por meio da leitura de cartas dos parentes que viviam em outras localidades, aos que viviam nos rios.

A autora, supracitada, ressalta que na Amazônia, a era do rádio chegou 100 anos depois do primeiro jornal impresso ser lançado na região, se tornando a principal novidade do séc. XX. A programação radiofônica não era muito diferente do que estava acontecendo em nível nacional. Programas de auditório, musicais, concursos

de calouros, radionovelas, jornalismo e esporte eram alguns dos formatos apresentados pelas rádios regionais.

A rádio na Amazônia tem a função de agregar, de ser companheiro, levar e difundir a notícia. O rádio amazônica tem o caráter pessoal, no sentido de se fazer presente na comunidade e integrar-se como parte da sociedade (GIRALDI, 2018).

Dessa forma, as rádios avançavam nas localidades distantes, tendo um papel significativo na integração da capital e interior, que nesta época era abastecido de informação por via fluvial. “As ondas do rádio chegavam até os vilarejos mais distantes, na beira do rio, nos garimpos, nos seringais, nas fazendas, nas roças, dentro das canoas, dos barcos, dos navios, dos caminhões tipo pau-de-arara, etc.” (FERREIRA, 2005, p.1).

### **2.2.1 A EXPANSÃO DA RÁDIO COMUNITÁRIA NO AMAPÁ E PARÁ**

A historicidade das rádios amapaenses e paraenses podem ser facilmente confundidas com a história da rádio amazônica. Dito isso pode-se referendar que a Rádio Clube do Pará é a pioneira inaugurada no estado e inclusive na Amazônia. Sua fundação é datada em 22 de abril de 1928 e seus criadores são Edgar Proença, Roberto Camelier e Eriberto Pio. Tal emissora se destaca como sendo a quarta mais antiga do Brasil, transmitindo em 1942 uma programação especial que alcançou o Território do Amapá (WANDERLEY, 2019).

A PRC-5 (o primeiro prefixo da emissora) começou de modo amadorístico, de um clube de amigos. Surgiu do interesse de Proença, Roberto Camelier, bacharel em Direito, e Eriberto Pio, telegrafista. Quando o governo de Getúlio Vargas definiu em 1931, um percentual de 10% da programação para venda de anúncios, a emissora se firmou, já que passou a contar com uma cota de financiamento constante. A partir de 1942, a Rádio Clube (PRC-5) passou a ser ouvida em vários pontos da região, por adquirir um transmissor OT (Ondas Tropicais). Três anos depois, em 07 de junho de 1945, a PRC-5 ultrapassou os limites do Estado e passou a transmitir programas especiais para o estado do Amapá (FERREIRA, 2005).

O autor supracitado afirma que historicamente, o sistema de radiodifusão brasileiro caminha em uma via paralela ao político. Pelo decreto-lei 5.814, de 13 de setembro de 1943, foi criado pelo governo federal, o território Federal do Amapá. No

Amapá, o rádio nasceu de uma concessão pública, controlada até hoje pelo Estado: a Rádio Difusora. A rádio fazia parte do plano de governo para divulgação de seu plano de ação e desenvolvimento.

A Difusora iniciou como um sistema de alto-falantes instalados na Rua Cândido Mendes no centro de Macapá. Sem outorga definitiva, a rádio - sob o dial ZYE-2 Rádio Difusora (1.460 KhZ, 205.5 metros) – entrou no ar no dia 15 de junho de 1945, mas só foi inaugurada oficialmente com sede própria, um ano depois, em 11 de setembro de 1946, facilitada ao então governador Janary Nunes, pelo presidente Getúlio Vargas (SOUZA, 2018).

De acordo com o site da Rádio Difusora de Macapá, antes das primeiras transmissões em Macapá, o Pará contribuiu de forma significativa para a difusão da informação no estado do Amapá por meio do rádio. Em 1945, o tenente e jornalista Paulo Eutério Cavalcanti de Albuquerque foi autorizado pelo governador do território, capitão Janary Nunes, a manter contato com Edgar Proença e Roberto Camelier, para obtenção de horário noturno em um dia da semana para a transmissão de programas especiais sobre o Amapá, através da PRC-5. Dessa forma, no dia 07 de junho de 1945, a Rádio Clube do Pará deu início a irradiação de programas especiais, sobre o território do Amapá, sempre às quintas-feiras, a partir das 19h30min.

O governo do então Território Federal criou os serviços de alto-falantes da imprensa governamental, que deram origem à primeira estação de radiodifusão, a Rádio Difusora de Macapá, e desde então a emissora permanece em funcionamento até os dias atuais e conserva até hoje o lema oficial de ser ‘Uma Voz do Amapá a serviço do Brasil’. Em 08 de agosto de 1968 entra no ar a ZYA 52 - Rádio Educadora São José, pertencente à Prelazia de Macapá (atual Diocese), que permaneceu em operação até 20 de abril de 1978 (CAVALCANTE et al., 2011, p. 7).

Cavalcante et al (2011, p. 7) ainda cita que a Rádio Equatorial de Macapá - ZYD 11 foi a segunda emissora em frequência de amplitude modulada (AM) a operar no Estado do Amapá. A estação estreou em 23 de dezembro de 1962, funcionando em fase experimental, resultante da iniciativa de um grupo de funcionários do governo territorial da época, e de trabalhadores autônomos que fundaram a Sociedade Anônima Técnica de Rádio do Amapá (SATRA), responsável pela aquisição dos equipamentos e manutenção da emissora. Era uma sociedade formada por técnicos

do serviço de telecomunicações do Governo, jornalistas e outros servidores do ex-território do Amapá, que, nas horas de folga, iam para lá.

A estação operou de forma clandestina, sendo que, segundo relatos, um dos integrantes do grupo redigiu um telegrama autorizativo, que legalizava a emissora. A partir disso Mário Chagas que era técnico da rádio apresentou a situação da rádio.

Segundo Silva (2011), os associados da SATRA eram os jornalistas Alcy Araújo Cavalcante e José Maria de Barros (diretor artístico da nova emissora), os radiotécnicos Remy do Rego Barros, Arinaldo Gomes Barreto e Raimundo Rodrigues, conhecido por “Pépe”; os radiotelegrafistas Agenor Rodrigues de Melo e Manoel Joaquim Esteves Rodrigues; O empresário José de Matos Costa e os técnicos em eletrônica Mário Chagas da Costa e Ivaldo Alves Veras.

O grupo conseguiu pôr a rádio no ar, em caráter experimental, funcionando nos horários das 12h às 14h e das 20h às 23h. Seus estúdios foram instalados, inicialmente, na Av. Padre Júlio Maria Lombaerd, esquina com a Rua Marcelo Cândia, no bairro Santa Rita e, posteriormente, foram transferidos para o centro da cidade, para evitar problemas de interferência técnica nos sinais, já que ficavam próximos à antena irradiante. O sinal da emissora cobria um raio de pouco mais de 30 quilômetros, emitido por um transmissor Philips de 250 watts, numa frequência de 1.490 kilociclos. “Tinha um som espetacular, considerado na época o melhor som da cidade” (CAVALCANTE et al., 2011, p. 8).

Passada a fase experimental, que durou até o final de janeiro de 1963, a emissora apresentou uma programação diversificada e conseguiu conquistar boa parte da audiência, até então monopolizada pela Rádio Difusora de Macapá, que, por ser a única, reinava absoluta nesse campo desde sua fundação em 1946 (SILVA, 2011). Tinha o clássico “Exodus”, com a orquestra de Ferrantti&Teacher, como tema de prefixo e sufixo musical e contava com uma discoteca coordenada pela locutora Osvaldina Figueira, que atuou também na Rádio Difusora.

Em 1978, a Rádio Difusora foi adquirida pelo governo federal e passou a fazer parte do grupo Radiobrás, assim como tantas outras rádios na Amazônia pertencentes ao governo que foram obrigadas, na ditadura militar, a seguir um padrão de programação pré-estabelecido. Deste modo, mudou de nome e de programação, se transformando na Rádio Nacional de Macapá, com uma programação produzida e

gerada de Brasília, substituindo a maior parte da programação local (REIS; ROLLEMBERG, 2018).

Um dos programas de utilidade pública da época era o Mensageiro para o Interior, que transmitia informações que eram captadas e passadas de boca em boca, até chegar no destinatário, caso ele não tivesse o aparelho de rádio. Por assegurar mais rapidez do que o Departamento dos Correios e Telégrafos (DCT) da época, o programa foi alvo de conflitos entre um diretor do DCT e a rádio que foi solicitada a retirar o programa do ar, sob alegação de concorrência com a empresa estatal (ROLEY, 2019).

O Mensageiro para o Interior foi mantido, porém as grandes distâncias e as dificuldades de acesso convenceram o ministro de que a população da Amazônia não podia prescindir da rapidez da mensagem radiofônica. Outro fato de destaque foi que a rádio Clube do Pará foi propriedade da família Proença, até meados de 1990, quando foi vendida para um grupo de empresários que a vendeu, dessa vez, para o governador da época, Jader Barbalho (SOUZA, 2018).

Sabe-se que, o sinal abrangente e sua programação faz com que o rádio também seja o principal veículo de comunicação destas comunidades afastadas (WANDERLEY 2019, p. 43). Assim sendo, ainda hoje, na era da comunicação digital, o rádio cumpre importante papel na Amazônia, sobretudo com o povo que vive as beiras dos rios (FERREIRA, 2005).

O tempo passou e novas rádios conquistaram concessões, ampliando o alcance do veículo. Em Belém, segundo Costa, Sousa e Costa (2011) existiam até 2011, vinte e uma emissoras de rádio. No Amapá, o cenário não foi diferente. Entre 2001 e 2011 houve uma grande ampliação dos sistemas de radiodifusão, com liberação de seis novas concessões (Jovem Pan FM, Boas Novas FM, Marco Zero FM, Forte FM, Senado FM, Tarumã FM e Universitária FM).

### **2.2.2 O PERCURSO HISTÓRICO DA RÁDIO DIFUSORA EM MACAPÁ E A COMUNICAÇÃO COM A POPULAÇÃO**

A Rádio Difusora de Macapá é uma emissora pública, cuja história é dividida em três etapas. No final de agosto de 1978, a então ZYE2, a Rádio Difusora passa a pertencer a rede Radiobrás, antiga empresa brasileira de radiodifusão, e muda de

nome e frequência, passando a se chamar Rádio Nacional de Macapá, com frequência 630 AM, integrando o Sistema Radiobrás por 10 anos (CARDOSO, 2020).

O espaço físico utilizado para a execução da emissora foi o prédio da Intendência – que hoje é denominado Museu Joaquim Caetano – tudo ocorreu de forma improvisada. Os alto-falantes antigos atingiam as proximidades da Intendência, no Largo de São Sebastião, que atualmente é a Praça Veiga Cabral, os mesmos também ficavam no Largo de São João, onde hoje é a conhecida Praça Barão do Rio Branco, tais equipamentos ficavam espalhados na área onde atualmente localiza-se o Ginásio Avertino Ramos (WANDERLEY, 2019).

Tal autor cita que em 1988, ela é adquirida pelo governo do Estado do Amapá, no mesmo período em que o Território Federal do Amapá, é elevado ao Estado pela Constituição Federal de 1988. Comprada dentro do processo de privatização, tendência da época das emissoras Radiobrás, a emissora deixa o nome Rádio Nacional de Macapá e volta a ser Rádio Difusora, com a estrutura, frequência e prefixo, deixados pela rede anterior.

Segundo Cardoso (2020), para poder retomar a rádio para si, o estado precisou pagar uma alta quantia, que deveriam ser pagos de forma parcelada, e que ainda restam parcelas a serem pagas, dessa forma o espólio da emissora pertence a Rádio Nacional de Brasília. Na tentativa de solucionar esse entrave a gerência da rádio da época pediu ao entrevistado para que fosse até Brasília para ser uma representatividade da emissora, apresentando um projeto no intuito de reestabelecer o espólio e os documentos da rádio que seriam de propriedade da Radiobrás, que atualmente é a EBC (Empresa Brasileira de Comunicação).

A Rádio Difusora de Macapá abre então as suas portas para que a população ribeirinha de outro Estado possa ter suas mensagens divulgadas na rádio e que possa interagir com os locutores e profissionais da emissora. A Rádio Difusora possibilita que sua participação no processo comunicacional atinja o fim proposto (SOUZA, 2018).

O mesmo se ajusta no conceito de comunicação pública, a qual ainda é pouco difundida, mas pode ser entendida como a comunicação praticada nos espaços públicos democratizados, junto aos diferentes setores da sociedade, tanto por governos quanto pelo terceiro setor e a sociedade em geral, e que visa o interesse público. Somando-se a isso, esses interesses, aliados às transformações sociais,

geraram o processo de democratização dos meios de comunicação. Uma das ações originárias desse processo foi a criação desse tipo de comunicação. Comunicação que não visa só as informações sobre o governo, mas informações sobre os diversos setores da sociedade (OLIVEIRA, 2005).

Wanderley (2019) relata que para reduzir as diferenças, alcançar as mais diversas classes sociais e promover a comunicação cidadã pautada na democracia, precisa ocorrer uma união de setores com o intuito de diminuir fronteiras e abrir as portas para a população. Dessa forma, com o controle estatal, permitiu que a população tenha sempre a prestação de contas como um dever do estado, estimulando sua participação no processo comunicacional e promovendo o debate sobre os interesses coletivos.

### **2.3 PELAS ONDAS DO RÁDIO: Espiral do Silêncio, a teoria que cala os que precisam de voz**

Com o surgimento do rádio, toda uma cultura de interação social sofreu alterações. As relações, antes estreitas, passaram a alcançar limites maiores, em diferentes eixos. Esse é caminho sem volta, ainda mais se pensar nas possibilidades trazidas pela Internet e pela tecnologia. Para Gomes (2007), há o seguinte parâmetro:

Atualmente, vivemos a sociedade da cultura midiática ou cibercultura na qual os componentes digitais - como recurso avançado da tecnologia - vão imprimir outros procedimentos de conduta ao ser humano. Passou-se do sistema analógico para o sistema digital em que é possível extrapolar os sentidos, ampliar o caráter da intersubjetividade entre atores sociais em lugares distintos, subvertendo as concepções de sociedade formalmente, organizada e de onde transgride-se o paradigma de tempo e espaço, de ser e não-ser, de estar circunscrito geograficamente em ambientes determinados (GOMES, 2007, p.5).

Portanto, em um país marcado pela desigualdade social e pela concentração da mídia, torna-se fundamental recorrer aos aspectos históricos na tentativa de compreender o presente, principalmente se tratando das rádios comunitárias brasileiras (SANTOS, 2014).

Ao mencionar que os atores sociais minoritários são silenciados pelos grandes veículos de comunicação, é primordial discutir sobre a teoria que remete exatamente a este silenciamento. A Teoria da Espiral do Silêncio desenvolvida, discutida e publicada por Elizabeth Noelle-Neumann, discute o quanto a mídia tem o



'poder' de influenciar, por meio do seu conteúdo, o pensamento de seus espectadores, sendo uma força formadora e modificadora de opinião, desta forma a teoria destaca que os receptores da informação acabam mudando ou silenciando sua opinião devido às informações propagadas pelos grandes meios (HOHLFELDT, 1998).

Para a fundadora desta teoria, o indivíduo é levado a silenciar-se por medo do que os outros irão pensar ou dizer a respeito dele, uma vez que sua opinião não está de acordo com o que foi propagado pelos demais. É o receio do isolamento e do julgamento social que o torna vulnerável a opinião dos demais. Sendo assim, o sujeito molda-se aos conceitos e opiniões do grupo ao qual faz parte ou ao que determina a grande maioria, o processo se inicia no silenciamento da opinião terminando na adaptação (BARROS, 1995).

Buscando descobrir a ligação que havia entre a mídia e a mudança de opinião das pessoas e/ou seu silenciamento a pesquisadora alemã Noelle-Neumann, desenvolveu diversas pesquisas que comprovam o que defende em sua teoria, observou que enquanto algumas pessoas proclamavam livremente sua opinião, outras eram silenciadas, obrigadas a se calarem. Desta maneira, em forma de espiral, uma opinião dominava o público e outra desaparecia, já que seus defensores se emudeceram (MENDONÇA, 2015).

Tal processo pode ser explicado pois, há aqueles que possuem falta de confiança e baixa autoestima, sentem receio de serem ignorados ou retirados de grupos sociais, assim tendem a se unir a maioria por quererem o bem-estar de poder falar no grupo e se expressar sem medo, deixando-se manipular, causando a impressão de que é aceita e não está em isolamento, fazendo o possível para não perder a estima dos demais (NERY; TEMER 2009).

Nesse caso, a opinião é entendida analisando um grupo de circunstâncias, como as tradições, morais e normas. Em consequência, determinados comportamentos e conceitos não devem ser propagados caso a pessoa não queira se isolar de tal grupo, logo, a opinião é considerada se puder ser dita sem medo, caso contrário firmar-se-á no silenciamento (MENDONÇA, 2015).

É neste convívio social que o indivíduo procura ser semelhante a maioria, portanto omitir sua opinião é o caminho, acredita-se fielmente que a Espiral do Silêncio reflete na escolha da mídia ao ignorar determinados assuntos, além de referenciar modelos comportamentais e ideias que julgam como verdadeiro e consensual,

instruindo as pessoas a moldar sua convivência a esta realidade (NERY; TEMER, 2009).

Na representação midiática há a interferência na concepção individual, além disso, há a discussão de que o conhecimento público se legitima, pois uma vez que se torna aceitável não pode ser censurado. Os temas que são mencionados com destaque repercutem na aceitação popular, até mesmo a forma como são ditos e podem gerar a interpretação necessária para ser uma verdade (THOMPSON, 2006).

Nery e Temer (2009) discorrem que a camuflagem e contaminação de opiniões nascem com a distorção da realidade, pois o sujeito teme ser a minoria, nesta perspectiva, pensar a comunicação desse modo, faz-se constatar que a mesma tem forte poder influenciador na formação da opinião que aparentemente é consensual, construindo assim uma realidade social incompleta e sem representatividade. É na mídia que as pessoas buscam os fatos e se estes são camuflados e não estão ao seu alcance acabam gerando uma realidade alternativa privilegiando determinados assuntos e omitindo outros, contribuindo para a imprecisão.

Em consonância, os estudos protagonizados pela Espiral do Silêncio destacam a mídia como modificadora e formadora de opinião, sendo sua eficácia nestes quesitos irrepreensíveis, seus efeitos agem além do ditar o que os indivíduos devem pensar, mas conseguem refletir também no que irão dizer. É a conexão perfeita entre mídia e mudança e/ou silenciamento de opinião (MENDONÇA, 2015).

#### **2.4 PELAS ONDAS DO RÁDIO:** O papel das rádios comunitárias, a vez e a voz das comunidades

As rádios comunitárias, surgidas desde meados da década de 1960 com a eclosão dos movimentos sociais, exercem papéis de destaque nas comunidades em que atuam. São canais de expressão daquele contingente populacional historicamente e socialmente marginalizado pela sociedade. Atuam como ferramentas fundamentais no processo de conquista da cidadania a partir da problematização e conscientização sobre a realidade em que vivem (MILITÃO, 2003).

Kunsch (1986) destaca que os meios de comunicação desde os mais simples aos mais sofisticados, têm um papel importantíssimo no processo de apropriação do conhecimento socialmente produzido. Assim, as rádios comunitárias, em sua

essência, são mediadoras e propagadoras da compreensão da realidade onde estão inseridas, pois são elos entre a população e sua própria história, quebrando paradigmas dos silenciados.

Historicamente, os veículos de comunicação, em geral, buscavam promover os bens de consumo e principalmente, legitimar a ideologia dominante. Os estudos revelam que se tratando da classe dominante, seria necessário homogeneizar os aspectos da vida humana e o alcance dessas mídias deve atender os objetivos desta classe. Os anseios, as carências, a história e a cultura dos atores sociais pertencentes aos contingentes marginalizados são silenciadas e esquecidas (MILITÃO, 2003).

Em contrapartida, surgem as rádios comunitárias para caminhar na contramão desta realidade, impulsionando a voz dessas minorias. O caminhar das rádios brasileiras perpassa pelo sentimento de populares em criar e organizar rádios livres, que pudessem expressar e dialogar sobre temas que eram censurados pelos grandes centros de mídias (OLIVEIRA, 1991).

Assim, inspirados nos movimentos sociais de França e Itália que criaram suas próprias rádios livres, fundou-se em 1970 no Espírito Santo a primeira rádio livre brasileira, que propunha em sua programação evidenciar assuntos da comunidade e que não podiam ser mencionados em rádios governamentais ou privadas (COGO, 1998).

O fundador da primeira rádio livre brasileira foi acusado de instaurar o movimento comunista e só não foi preso por ser menor de idade, entretanto, sua ideia propagou-se na década de 80 possibilitando a criação de novas rádios livres, propiciando a criação do Conselho das Rádios Clandestinas de Sorocaba (CRCS) que foi a primeira organização das rádios livres (COSTA; JÚNIOR, 2002).

O grande entrave desta época estava relacionado a tentativa de calar as vozes livres que surgiram em Sorocaba, fato este que atormentou muitas rádios livres e causou o fechamento de várias delas. Em uma tentativa de continuar com o projeto, foi criado o I Encontro Nacional sobre Rádios Livres em São Paulo, que tentou buscar apoio da sociedade para defender a democratização da comunicação, este feito impulsionou outros eventos e a criação de comitês que passaram a reivindicar este processo de democratização (ABREU, 1995).

Como consequência dessas lutas e organizações, em 1998 foi levado ao plenário e conseqüentemente aprovada a lei que regulamenta as rádios comunitárias.

Porém, evidenciam, que poucas partes do texto original foram aprovadas pelos parlamentares, o que foi insuficiente no que tangia a luta pretendida de democratização. Esta realidade foi alterada com a criação de rádios que afirmam ser comunitárias, mas que de fato caracterizam-se pela utilização de fins comerciais, funcionam como microempresas, vendendo espaços publicitários, tendo uma programação voltada para divulgação de comerciais (ZUCULOTO, 2003).

Além disso, seus proprietários utilizam os recursos aplicando em situações controladas por eles, tais fatos citados descaracterizam as intenções as quais foram criadas as rádios comunitárias. Entretanto, estes são justificados, por alguns de seus proprietários, como algo necessário para manter as rádios ativas (PERUZZO, 2008).

Diante destas implicações, vale ressaltar que para Coelho e Silveira (1995) a grande diferença entre essas rádios, com programações voltadas as propagandas publicitárias e as verdadeiras rádios comunitárias, é que as rádios comunitárias são organizadas, dirigidas e possuem programação montada pela própria comunidade, isto implica dizer que quem fala e quem ouve são os mesmos agentes e apenas quando sentem necessidades é que recorrem aos profissionais do mercado, e quando o fazem contratam os que pertencem à própria comunidade.

Nesse entrelaçar de ideias sobre o que de fato a caracteriza e qual seu papel, Peruzzo (2008) destaca que uma rádio propriamente comunitária se evidencia por não apresentar fins lucrativos, o que deve ocorrer são apoios culturais que visam captar recursos para mantê-las em funcionamento, garantindo sua manutenção e que não haja lucro particular a terceiros. Como é um produto da comunidade, deve ter sua programação voltada com o intuito de acompanhar a realidade local, captando necessidades, eventos culturais e outros interesses sociais.

Além disto, a interação com a participação efetiva da população deve ser o pilar de seu desenvolvimento. Para tanto, deve ser garantido acesso livre aos membros da comunidade valorizando e incentivando transmissões de manifestações culturais locais, proporcionando compromisso com a educação voltada para a cidadania, democratizando a arte da comunicação e impulsionando que as pessoas tenham maior contato possível com as tomadas de decisões no que tange a rádio (PERRUZO, 1995).

Um fato em destaque é que apesar do avanço da internet e das novas formas de comunicação e interação, sobretudo pelo uso das redes sociais, o rádio continua

sendo um veículo de prestígio, presente na maioria dos domicílios brasileiros (88%) e ouvido regularmente (todos os dias) por 25% a 30% da população. Utilizado principalmente para fins de informação, entretenimento e distração, o veículo também se destaca pela relação de proximidade com a audiência, visto que praticamente toda comunidade tem sua emissora (COMASSETTO; RHODEN; COLVERO, 2015).

Assim, o rádio cumpre um papel primordial: o de promover a ligação entre as comunidades e suas práticas por meio de operações de radiofonização, que se deve as próprias características e funções do rádio, em que o imediatismo, a versatilidade, a onipresença e a facilidade de recepção, ainda não foram alcançados por nenhum outro meio por causa da simplicidade e praticidade de sua linguagem sonora (CARBONEL et al., 2009).

É exatamente na perspectiva de prestigiar tal diversidade e de garantir a todos o fácil, diverso e qualificado acesso à comunicação que as rádios comunitárias figuram, hoje em dia, como o instrumento que melhor contempla o desiderato constitucional de uma comunicação social verdadeiramente democrática e inclusiva (JALES; BARBOSA, 2015).

Não obstante, a constituição da própria cidadania dos sujeitos, seguindo conceito de McLeish (1999) é uma das funções do rádio que facilita a produção de diálogos entre os sujeitos e seus grupos, promovendo e constituindo uma noção de comunidade por meio da comunicação.

Ao promover esses vínculos, o rádio possui uma função comunitária essencial. Entretanto, enquanto para as rádios comerciais esse caráter é mais implícito e indireto, para as comunitárias o principal objetivo deve ser a prestação de serviço à comunidade, no intuito de desenvolver o exercício da cidadania (BORELLI et al., 2010).

De todos os meios de comunicação, o rádio, por suas características técnicas, pelo custo de produção relativamente baixo, pelo acesso facilitado e pela empatia com a audiência, ainda é o meio de comunicação que reúne melhores condições para atender ao seu entorno (COMASSETTO, 2007).

Daí a constante preocupação do Ministério das Comunicações em promover a disseminação de emissoras de forma equitativa nas diversas regiões do país, favorecendo, mais recentemente, canais de médio e de pequenos alcances, mas extremamente identificados com suas comunidades e voltados ao desenvolvimento

local, contemplando desde a promoção de valores artísticos e culturais até a discussão de problemas e reivindicações de melhoria em benefício do bem-estar social, como ocorre com as emissoras comunitárias (COMASSETTO; RHODEN; COLVERO, 2015).

Apesar das dificuldades, por sua origem e pela característica ideal que as distinguem – a gestão participativa – as rádios comunitárias têm, potencialmente, a capacidade de operar como um modelo de comunicação alternativo ao sistema tradicional dos meios de comunicação de massa. Um modelo pautado no diálogo e, portanto, capaz de promover a reconfiguração da esfera pública a partir da inserção de grupos subalternos como sujeitos ativos e críticos no campo da comunicação (STEINBRENNER; HURTIENNE, 2012).

Destaca-se nesse ponto que a sociedade sempre foi carente em encontrar meios comunicativos que buscassem explorar temas voltados para os problemas que afligem as comunidades interessadas em conscientizar e levar ao grande público seus anseios, ao contrário disto, as grandes emissoras privadas limitam temas sociais e desprezam questões importantes que poderiam ser abordadas no intuito educativo de conscientização. Seus agentes idealizadores apresentam como objetivo a lucratividade e não oportunizam que a identidade da coletividade faça parte de suas programações (ALMEIDA, 2010).

Em contrapartida, Steinbrenner e Hurtienne (2012) citam que a rádio comunitária contribui para o (re)posicionamento de grupos subalternos também no campo do desenvolvimento das localidades ou regiões onde estejam inseridos. Tal distinção, qual seja - o caráter comunitário da comunicação, a participação como princípio gerador e gestor da emissora comunitária - tenderia também a se refletir não apenas na gestão (participativa) das rádios, mas também no conteúdo de sua programação sendo totalmente diferenciada das rádios privadas.

Tal experiência tem deixado em evidência que a radiodifusão comunitária tem demonstrado um crescente pela exposição da vida local, já que possibilitam que identidades culturais populares sejam protagonistas em sua programação, uma verdadeira explosão de protagonismo cultural das massas menos favorecidas e marginalizadas (PERUZZO, 1998).

O fato é que não se pode fechar os olhos de que as rádios comunitárias se apresentam como verdadeiros centros de cultura popular e traz à tona o que a

comunidade precisa e quer dizer. É inegável seu papel social e como todos da comunidade se envolvem e participam delas, principalmente os jovens têm encontrado seu espaço, seu lugar, sua voz. Principalmente em regiões periféricas os mais novos tentam escapar da ociosidade e do crime, a cada dia surgem novas rádios e desaparecem outras, em um ciclo de construção para dar voz e vez aos minoritários (OLIVEIRA, 2002).

Não é à toa que tais rádios surgiram em meio a expansão da criação de movimentos sociais e deram voz a grupos que lutavam por causas minoritárias como movimentos feministas, de lutas pelo fim do preconceito aos negros, populações em baixa situação econômica, pessoas em relações homoafetivas ou causas ligadas a ecologia, esta vinculação a movimentos de luta é consequência do seu dinamismo em oportunizar que estes grupos pudessem se expressar, logo, enfatizando a importância da democratização da comunicação (NUNES, 2007).

Esses novos meios comunitários de comunicação permitem a qualquer cidadão com qualquer formação e classe ocupar seu espaço de ser um formador de opinião e expor aquilo que pensa sem ter a preocupação de ser silenciado pelas mídias globais, podendo assim, demonstrar que as camadas minoritárias encontram seu espaço nas rádios comunitárias que se instalam em cada comunidade, local ou região brasileira (COSTA; JUNIOR, 2002).

Portanto, nenhum meio de comunicação, como as rádios comunitárias em solo nacional, tem tanta capilaridade em seus quase 5.600 municípios. Essas emissoras estão presentes em todas as 27 unidades federativas (também conhecidas por estados). Em praticamente todas essas quase seis mil cidades, incluindo suas zonas rurais, há uma FM comunitária funcionando, tendo alcance, geralmente com grande influência, no dia a dia de suas populações. Em alguns casos são os únicos meios de comunicação que retratam sobre o local e o regional (BERTI, 2019).

Sobre este fenômeno, Peruzzo (2005) compreende que a radiodifusão comunitária trabalha interesses específicos dos grupos sociais como questões dos bairros, movimentos sociais, violência, esclarecimentos educativos e as mais diversas problemáticas sociais destes segmentos excluídos.

Claro que há uma necessidade de se observar aspectos globais envoltórios a sociedade, mas é necessário que se faça um olhar do contexto comunitário ao amplo, vinculando os assuntos regionais aos globais. Assim a comunicação comunitária deve

apresentar sentimento de pertencimento social, isto é, os interesses individuais devem estar desvinculados da programação e os ideais coletivos e de cooperação devem ser o foco, estimulando práticas coletivas e solidárias na expectativa de superar questões problemáticas sociais, a programação será pautada nas necessidades dos moradores locais proporcionando vez e voz a população (ALMEIDA, 2010).

Monteiro (2012) afirma que as rádios comunitárias desempenham papéis mutáveis dentro de uma comunidade, ou seja, o contexto define a função deste veículo em determinado paradigma, assim, elas agem em consonância com as demandas da população de diversas áreas, buscando a conscientização, o entendimento de determinadas situações e principalmente, fazem com que a voz da coletividade seja ouvida em diversos setores.

No processo de construção conjunta da cidadania, não se pode esquecer que o rádio cumpre um papel primordial: de promover a ligação entre as comunidades e suas práticas por meio de operações de radiofonização, as quais se deve pelas próprias características e funções do rádio, em que o imediatismo, a versatilidade, a onipresença e a facilidade de recepção, segundo Meditsch (2002), ainda não foram alcançados por nenhum outro meio por causa da simplicidade e praticidade de sua linguagem sonora.

Ao promover esses vínculos, o rádio possui uma função comunitária essencial. Entretanto, enquanto para as rádios comerciais esse caráter é mais implícito e indireto, para as comunitárias o principal objetivo deve ser a prestação de serviço à comunidade, no intuito de desenvolver o exercício da cidadania (BORELLI et al., 2010).

Essencialmente, uma rádio comunitária é a consequência midiática com intenção de uma associação em algum bairro ou localidade em transformar sua realidade por meio do exercício da cidadania, utilizando-se de uma via de mão dupla na construção das linguagens e conteúdo. Ou seja, um espaço de informação de dentro da comunidade e feito por pessoas da comunidade (ALVES; ANTONIUTTI; FONTOURA, 2008).

As rádios comunitárias são fundamentais para a vida das comunidades onde surgiram, pois, além de servir a inúmeros interesses coletivos (serviços de utilidade pública, coleta de contribuições, localização de crianças perdidas, recados, chamadas



telefônicas, e outras), contribuem para o processo de organização e para a ampliação do nível de consciência política da comunidade (NUNES, 2001).

Nas rádios comunitárias o radialista tem o papel de informar e conscientizar as pessoas que habitam na comunidade a qual a rádio pertence, sobre seus direitos, sobre os demais problemas e os assuntos que os cercam. Além disso, pode mobilizar e motivar as pessoas a participarem dos movimentos populares que defendem a garantia e o cumprimento dos seus direitos, ou a busca de melhoria para toda a comunidade (DALCIM, 2012).

Se tratando dessas melhorias, Peruzzo (2007) afirma que a rádio comunitária transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal e o nível de cultura dos receptores sobre temas diretamente relacionados às suas vidas.

Para Raquel Paiva, a comunicação comunitária:

Compromete o indivíduo com o exercício de sua cidadania, [...] podendo transformar, inclusive, sua existência e a das pessoas à sua volta. [...], os indivíduos agrupados por interesses comuns podem retomar como cidadãos a possibilidade que lhes foi negada, de interferir nas decisões do poder público. [...] e incentivar a conscientização da realidade e o sentimento de pertencimento entre seus membros (PAIVA 2003, apud ARANHA 2010, pp. 171-172).

Assim, as rádios comunitárias que estão sob o controle coletivo popular e que adotam estratégias de viabilização da participação comunitária contribuem para o desenvolvimento local e representam uma resposta à dominação e ao oligopólio dos meios de comunicação. Acabam dando visibilidade midiática a um fluxo popular de comunicação/informação, possibilitando que segmentos das classes subalternas agendem suas mídias, conforme seus interesses. (PERUZZO; VOLPATO, 2010).

O rádio, por exemplo, é um meio que contribui e vem contribuindo significativamente para a formação de opiniões. Ele é muito útil tanto para a comunidade quanto para os moradores que podem trocar informações, conhecimentos e experiências, por meio dele, a comunicação popular, alternativa ou comunitária surgiu como uma forma da população mais pobre, que se sentia excluída, poder se expressar e participar mais da vida política a ampliar seu alcance por meio da incorporação de meios massivos, principalmente de radiodifusão, e, portanto, de novos conteúdos e linguagens (PERUZZO, 2006).

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa buscou amparo metodológico, nas técnicas da Revisão Bibliográfica e na Entrevista Semiestruturada, entrelaçadas à Pesquisa de Campo, no qual foi realizado um estudo histórico, descritivo e de análise, proporcionando a compreensão mediante a história das rádios no Brasil até o alcance das rádios comunitárias como porta-voz das minorias atualmente. Foi empregada a técnica de entrevista semiestruturada com 8 (oito) entrevistados, escolhidos aleatoriamente. Este quantitativo foi definido devido ao cenário pandêmico da Covid-19 que ocorreu no momento das entrevistas, respeitando todos os procedimentos de distanciamento social e os padrões de proteção determinados pelo ministério da saúde.

Os referidos entrevistados pertencem a diferentes comunidades de Macapá, nos bairros denominados de Perpétuo Socorro, Mucajá e Porto do Céu, os quais tem contato com a programação diária das rádios voltadas para a participação comunitária, também participaram da entrevista 2 (dois) radialistas para que eles pudessem fazer uma análise a respeito de como acontece a participação da comunidade na programação diária da rádio.

Desta maneira, se estabeleceu um estudo de caso, haja vista que foi realizado uma análise de um determinado fenômeno em seu ambiente natural. Para Yin (2009) é um método de pesquisa que parte de eventos reais e que teve por principais objetivos esclarecer, expor, descrever fenômenos atuais, tomando como base o detalhamento do mesmo para que se pudesse alcançar conhecimentos profundos a respeito da temática de estudo.

Nesta pesquisa, os ouvintes foram entrevistados com questionários semiabertos, ou seja, sempre que necessário foram feitas perguntas extras para melhor entendimento sobre a temática em discussão. Tais entrevistas foram realizadas sempre pelo horário da manhã, no período de agosto a setembro do ano de 2020, devido às questões de saúde pública impostas pela pandemia, cada entrevista foi agendada, além de cada entrevistado estar devidamente protegido com o uso de máscara, álcool em gel e o entrevistador utilizar máscara e protetor facial.

Quanto às perguntas, buscou-se a compreensão se as rádios comunitárias, bem como sua programação, estão voltadas para o público como forma de quebra da

espiral do silêncio, e como está ocorrendo a participação da comunidade a qual a rádio pertence, assim a partir das entrevistas foi possível ter a noção de como está ocorrendo esta frente de participação da sociedade dentro das rádios comunitárias. A entrevista para Oliveira (2011) é de extrema importância e serve para obter informações sobre um assunto por meio de uma conversa do pesquisador com o entrevistado.

O conteúdo bibliográfico foi trabalhado de forma analítica, compreendendo e ordenando os dados que foram utilizados, no qual foram feitos estudos e avaliações aprofundadas sobre a temática que ajudaram a esclarecer o conhecimento sobre a história que o rádio traz em seu encaixe e como este tornou-se um porta-voz para as pessoas que são consideradas em vulnerabilidade na sociedade.

Foi agregado o método tipológico, que se caracterizou pela comparação de fenômenos complexos do meio social, cujo pesquisador estabelece padrões ideais a partir de análises de aspectos primordiais relacionados a determinado fenômeno (LAKATOS; MARCONI, 2004).

Na coleta de dados foram utilizados dados primários, que conforme Mattar (2005) são aqueles que ainda não foram coletados. Eles são pesquisados com o objetivo de atender as necessidades da pesquisa em andamento. Bem como foram utilizados dados secundários, que o mesmo autor cita como aqueles que já foram identificados, coletados, tabulados, ordenados e analisados, com outros propósitos de atender às necessidades da pesquisa em andamento.

Esta pesquisa levou em consideração o que diz a Resolução número 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde - CNS, que trata das diretrizes envolvendo seres humanos. Os participantes tiveram sua privacidade mantida e a entrevista só foi realizada após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE.

De forma presencial e com todos os cuidados para manter a integridade dos participantes que estavam cientes de que a qualquer momento podiam desistir ou recusar-se a prosseguir, sendo garantido o sigilo e privacidade do participante, não sofrendo nenhum dano ou prejuízo.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Uma pesquisa sempre parte de um questionamento que deve ser esclarecido para alcançar um objetivo maior, que seria contribuir amplamente com os sujeitos sociais de cada comunidade envolvida com o tema central do estudo. Sendo assim, esta pesquisa parte da premissa de esclarecer se as rádios comunitárias atuam como ferramenta de ruptura da espiral do silêncio?

Para tal esclarecimento, foram realizadas entrevistas com 10 (dez) pessoas, 8 (oito) ouvintes e 2 (dois) radialista, de 3 (três) bairros diferentes da cidade de Macapá-AP, com o intuito de confirmar ou refutar o objetivo maior deste estudo que é analisar se as rádios comunitárias são ferramentas que proporcionam voz as minorias e assim assumindo o papel de ferramenta de ruptura da espiral do silêncio.

### 4.1 A PARTICIPAÇÃO DAS COMUNIDADES NA PROGRAMAÇÃO DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS

As rádios comunitárias, diferentemente das comerciais, historicamente têm suas programações voltadas aos anseios populares, às suas singularidades e procuram mergulhar na realidade local a partir da inclusão de diferentes sujeitos que habitam suas áreas de abrangência. Para melhor compreender as particularidades do contexto macapaense é necessário analisar como se dá o emprego desses veículos no cotidiano das comunidades.

Ilustrando esta premissa, abaixo lista-se as programações dos empreendimentos estudados (para garantir a confidencialidade do objeto de estudo, as rádios serão descritas respectivamente como X, Y e Z):

**QUADRO I:** PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO COMUNITÁRIA X

RÁDIO	PROGRAMA	CONTEÚDO
Rádio Comunitária X	Obrigado meu Deus!	“Combate” ao alcoolismo, tabagismo e violência doméstica
	Sabadão de prêmios	Quiz sobre diversos temas com premiações patrocinadas pelos comerciantes locais
	Rádio X e os Djs	Programa voltado à apresentação de jovens da comunidade.

	Hora da entrevista	Entrevistas semanais com convidados selecionados pela comunidade, onde estes podem fazer seus questionamentos.
--	--------------------	--

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

**QUADRO II: PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO COMUNITÁRIA Y.**

RÁDIO	PROGRAMA	CONTEÚDO
Rádio Comunitária Y	Momento com Deus	Apresentação de músicas gospel, louvores e pregações.
	Hora da verdade	Apresentação de notícias e problemas do bairro que são levados pelos ouvintes.
	Programa Alegria, Alegria!	Programa voltado a execução de músicas pedidas pelos ouvintes ao vivo.
	Festa do bairro	Apresentação de músicas e anúncios da comunidade.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

**QUADRO III: PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO COMUNITÁRIA Z.**

RÁDIO	PROGRAMA	CONTEÚDO
Rádio Comunitária Z	Bom dia "Z"	Apresentação de notícias em geral e entrevistas com convidados.
	Notícias da comunidade	Debate sobre assuntos referentes ao bairro, política e cidadania.
	Batidão "Z"	Espaço para o ouvinte pedir músicas e curtir-las em seu lar.
	Expresso saúde	Apresentação de músicas e anúncios da comunidade.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

Por meio de entrevistas semiestruturadas um amplo processo de análise foi percorrido a partir das respostas de cada entrevistado, entre esses processos destaca-se o percurso de buscar entender como ocorre o processo participativo da comunidade nas programações diárias das rádios comunitárias.

Desse modo, a temática entra na incumbência de analisar os dados encontrados nas entrevistas. Sendo assim, os participantes da pesquisa serão descritos como ouvintes 01, 02, 03 e assim por diante, para então haver uma melhor compreensão dos diálogos coletados na entrevista.

**QUADRO IV: SÚMULA SOBRE A PERCEPÇÃO DA PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO.**

QUESTÃO	ENTREVISTADO 01	ENTREVISTADO 03	ENTREVISTADO 05	ENTREVISTADO 08
Qual a sua percepção sobre a programação que a rádio comunitária traz para esta comunidade?	A rádio traz informações sobre o que acontece dentro da comunidade, traz informações sobre o que está acontecendo de grave e de bom pelas ruas do bairro, mostrando também as promoções dos comércios e dando dicas de tarefas para se fazer para o bem da comunidade.	Minha percepção é que a programação da rádio é muito boa, consegue nos informar sobre coisas que ocorrem no bairro, deixa claro que podemos participar e colocar o que queremos na programação.	A rádio traz algumas informações desnecessárias, que a todo momento é propaganda e que poderia ter um pouco mais de notícias criminais e cívicas que expusessem a realidade do bairro, além de se manter uma programação religiosa constante.	Eu me senti um pouco desfavorecido por não ter sido atendido em minha sugestão, são muitas propagandas e muitas coisas religiosas, eu que não sou católico me sinto excluído.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

Cavalcanti (2018) diz que as rádios comunitárias são hoje um tipo de mídia de maior representação em grupos mais segmentados em termos de abrangência midiática. Pois, essas rádios atuam principalmente enfocando assuntos das comunidades às quais pertencem, aos grupos marginalizados, dos grupamentos e segmentos sociais não contemplados pelas mídias tidas como convencionais.

Assim, essas emissoras devem promover a informação, o lazer, bem como instigar manifestações culturais, artísticas, folclóricas e atos que possam instigar o desenvolvimento comunitário, sem qualquer distinção. Verifica-se o primeiro impasse

de informações, já que no primeiro discurso o ouvinte demonstra contentamento a respeito da programação da rádio local, ao contrário do que pensa o interlocutor 05.

A mesma pergunta foi respondida pelos ouvintes 02, 03 e 04 que concordam que a programação da rádio está efetivando seu papel de levar a comunidade informações coerentes com a realidade que vivenciam, acreditam que esta tem exercido sua função essencial de informar, colaborar e difundir as questões que fazem parte da sociedade. Essa constatação é oposta ao que se percebe na fala do entrevistado 08.

Sobre este pensar, Cogo (1998) afirma que as rádios comunitárias influenciam as relações sociais nas comunidades, quando passam a ter uma programação democrática, em que os sujeitos sociais podem participar e opinar dela, colocando a cara e a voz da comunidade. Sendo assim, percebe-se que para a maioria dos ouvintes entrevistados a programação de suas rádios locais está sendo satisfatória e cumprindo este papel democrático mencionado anteriormente, entretanto não deixam de pontuar que poderiam haver melhorias para concretização mais efetiva desta função social.

Sobre estas melhorias, em relação a programação, o entrevistado 08 diz que seria de muita ajuda se todos pudessem opinar mais sobre a programação, já que ele acredita que somente alguns ouvintes são atendidos quando pedem mudanças, que por exemplo, já solicitou inúmeras vezes para que diminuíssem as programações religiosas e os comerciais e não foi atendido.

Para Medtsch (2002) a função social da rádio precisa adotar uma postura laica, ou seja, não assumir um padrão que defenda verdades absolutas. Além disso, a comunidade precisa sentir-se acolhida e envolvida em todos os âmbitos das programações radiofônicas. Quando um ouvinte se considera excluído, abre um adendo para se repensar nas atitudes que estão causando este desconforto, uma vez que a rádio comunitária precisa alavancar seu papel de dar voz e acolher a minoria que a grande mídia não envolve.

Dando seguimento ao intuito de verificar como ocorre a participação comunitária, foi realizado mais um questionamento se o ouvinte participava das programações diárias da rádio do seu bairro. Em resposta, os entrevistados 01, 02, 04 e o 07 que afirmam participar sempre da programação, pois acham interessante fazer parte dos assuntos de sua comunidade, porém os entrevistados 03, 05, 06 e 08

dizem que participam por vezes, pois o trabalho e as ocupações diárias não permitem que participem mais.

**QUADRO VI: SÚMULA SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS OUVINTES NAS PROGRAMAÇÕES**

QUESTÃO	ENTREVISTADO 02	ENTREVISTADO 03	ENTREVISTADO 09
Você participa das programações da rádio do seu bairro? Se não, por quê?	Participo sim das programações, gosto de pedir músicas, participar de enquetes, dar minha opinião sobre as coisas que ocorrem no bairro.	Raramente eu ouço a rádio, mas quando ouço procura participar dando minha opinião, tenho uma jornada de trabalho e não fico muito em meu bairro, quase não tenho tempo de ouvir a rádio comunitária, mas busco sempre saber sobre o que está acontecendo através do que os vizinhos e familiares que me falam.	Em nossos programas, estamos sempre incentivando que a população dê sua opinião e demonstre toda sua satisfação ou descontentamento com os conteúdos que preparamos diariamente.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

Qualquer rádio comunitária que não possibilita participação efetiva de sua comunidade não cumpre com suas atribuições de ser fonte democrática, não possibilita o real sentido de ser comunitária, acaba acomodada e realizando o mesmo papel de várias outras mídias de desfavorecer as comunidades que mais necessitam ter voz e vez (ANDRIOTTI, 2004).

Neste momento de análise é possível identificar que as rádios têm oportunizado momentos de participação em suas programações, o que se evidencia é que há alguns ouvintes que não participam ativamente por outras questões, é o que pode ser percebido na fala do entrevistado 03. Para Cavalcanti (2018) a comunicação comunitária é a comunicação da, e para as comunidades, para grupos geralmente excluídos diretamente da midiaticização pelos meios de comunicação de massa tidos como convencionais (rádios, TVs, portais, jornais e revistas), que é louvável que os indivíduos responsáveis pela sua programação oportunizem a participação comunitária, e a comunidade possa usufruir deste papel sempre que puder, colaborando para execução de programas com a cara e o jeito da sociedade a qual pertence.



Uma característica perceptível com as entrevistas é que as pessoas da comunidade, ao seu modo e de acordo com suas possibilidades, estão participando da grade de programas, o que viabiliza afirmar que essas rádios estão oportunizando momentos participativos, que auxiliam na concretização de momentos democráticos com a participação popular. Esta realidade se entrelaça com a fala do radialista, entrevistado 09.

Neste momento de análise, cabe aqui ressaltar a pergunta que foi realizada a respeito desse papel do radialista, se este incentiva a participação da comunidade e como faz essa interferência. Assim, se obteve a resposta do ouvinte 03:

**QUADRO VII: SÚMULA SOBRE O INCENTIVO DO RADIALISTA NA PARTICIPAÇÃO DOS OUVINTES.**

QUESTÃO	ENTREVISTADO 03
Como o radialista incentiva a participação da comunidade nos programas da rádio?	O radialista sempre mencionava que todos nós poderíamos estar entrando em contato por telefone ou pessoalmente para dar suas sugestões, pedir músicas ou até mesmo dizer algo que não estava agradando nos programas da rádio.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

Este relato evidencia que as pessoas que fazem a rádio comunitária precisam entender que a melhor programação possível, é aquela em que a população se sente livre para fazer parte dela, sendo seus atores principais, colocando seus ideais, sua forma e maneira de ser. Estando sempre dispostos a fazer uma programação que seja interessante aos anseios sociais da comunidade, viabilizando que a rádio seja um canal direto com a mudança das realidades complexas de cada sociedade (VAILATI, 2015). A partir da análise das perguntas que compõem o referido tópico, foi possível constatar que a participação comunitária tem ocorrido nas rádios investigadas. E que estes momentos de participação têm sido incentivados pelos autores das programações e que os indivíduos da comunidade têm buscado participar da forma que podem para tornar a programação mais atrativa e com conteúdo que são pertencentes a sociedade.

Neste momento, é de suma relevância entender como tem ocorrido esta participação e se de fato a comunidade têm conseguido efetivar mudanças que colaborem com o fazer social.

#### 4.2 QUESTÕES SOCIOCULTURAIS ABORDADAS NAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS MACAPAENSES

No âmbito investigativo que esta pesquisa se propõe a debater, já se verificou que há participação comunitária, entretanto o fazer científico e o comprometimento com o objetivo geral deste estudo traz a prerrogativa de analisar de que forma ocorre essa participação e se os conteúdos socioculturais das comunidades envolvidas estão sendo amplamente difundidos nas programações das rádios comunitárias investigadas.

Sendo assim, umas das indagações aos ouvintes foi a respeito de quais programas eles costumam participar dentro da rádio comunitária, as respostas em destaque mostram um parâmetro de como ocorre esse processo participativo.

**QUADRO VIII: SÚMULA SOBRE OS PROGRAMAS QUE COSTUMAM PARTICIPAR DENTRO DA RÁDIO.**

QUESTÃO	ENTREVISTA DO 01	ENTREVISTA DO 02	ENTREVISTA DO 04	ENTREVISTA DO 06	ENTREVISTADO 08
De quais programas você costuma participar dentro da rádio comunitária?	Gosto muito de pedir música, de dizer minhas ideias para os programas da rádio, de opinar sobre as festas do bairro e sobre como melhorar as coisas aqui, os radialistas sempre	Sempre gostei de expor minha opinião, principalmente quando são assuntos que podem melhorar os problemas do nosso bairro, quando tem debates mais de política, como por	Já participei pedindo música, falando sobre alguns problemas na minha rua, indicando o trabalho de uma amiga para os vizinhos, um programa que gosto muito é a	Participo nos programas que tem música, porque gosto muito de fazer minhas tarefas de casa ouvindo as músicas que gosto, como a caixinha da rádio é bem próxima a minha casa,	Eu participava muito das programações, pedia música, contava minhas experiências, dava minhas opiniões, contribuía com minhas ideias. Mas, deixei de fazer isso quando percebi que não era

	convidam a comunidade para estar presente nas programações.	exemplo, para decidir e escolher o presidente de bairro, ou até mesmo quando precisa dar opiniões em assuntos mais polêmicos como sobre o que os deputados e vereadores estão fazendo pelo povo.	hora da verdade, nesse sempre estou participando.	consigo pedir e escutar as minhas músicas favoritas.	atendido, minha opinião parecia não ter valor.
--	---	--	---	--	--

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

Para Peruzzo (2007) uma rádio só expõe seu caráter comunitário quando promove vínculos com sua comunidade, sendo o meio mais eficaz de prestação de serviço a ela, no intuito de desenvolver o exercício da cidadania. Esses vínculos partem desde o sentido de promover o lazer e entretenimento por meio de uma ampla programação que possa partir de programas musicais, políticos, esportivos, culturais e de questões sociais, mas se ocorrer pouca participação da comunidade no que se refere a seus problemas sociais e estruturais, a rádio perde seu sentido ideológico.

A mesma pergunta, a respeito de quais programas os ouvintes participam, foi feita ao entrevistado 06 e a resposta foi enfática, conforme exposto no quadro VIII. Aproveitando o ensejo, para entender melhor o contexto, acrescentou-se a pergunta se o entrevistado 06 já tinha participado de outros programas com discussões sociais e problemáticas da comunidade e o mesmo expôs que “[...] não gosto de me envolver nessas questões, também nunca me senti confortável para falar desses assuntos, sempre geram confusões e muitas vezes nem podemos falar direito o que pensamos” (OUVINTE 06).

Essa menção de um ouvinte da rádio comunitária contrapõe a ideia de que a diferença fundamental dessas rádios está em ser aquela que pertence, é dirigida, e pautada pelos anseios da comunidade e por ela, isso implica afirmar que quando o

sujeito pertencente a ela não se sente à vontade para participar de todos os assuntos relacionados a sociedade ou quando a censura existe, a rádio reduz-se a ser meramente comercial, voltada ao entretenimento ou reproduz o caráter das grandes mídias em reduzir participação efetiva da população (COSTA; JUNIOR, 2002).

Uma rádio comunitária favorece a participação direta da população quando apresenta uma programação interativa, seu microfone é livre e transmite o pensamento e os anseios da comunidade, o acesso é garantido a todas as suas programações, é nessa vertente que são concretizadas as mais completas formas de participação, a interatividade não é limitada e a comunidade se sente íntima e proclama aos quatro cantos sua voz (COELHO; SILVEIRA, 1995).

Programações diversificadas devem ser o teor fundamental de uma rádio comunitária, seus ouvintes devem sentir o desejo de estar envolvidos em sua programação.

Para Nunes (2001) valorizar e incentivar a participação comunitária, ter compromisso com a educação, cidadania, democratização e proporcionar que as ideias sejam ouvidas e debatidas é um caminho a ser seguido e implementado por todas as rádios comunitárias. Além disso, é interessante que estas possam proporcionar o treinamento das pessoas da comunidade, para que adquiram conhecimento técnico sobre a arte de se comunicar e que inclusive façam parte dos programas da rádio.

Somando-se a isso e a partir da colocação do entrevistado 08, ressalta-se que no campo das rádios comunitárias, grandes mudanças devem ser efetivadas para que se tenha o indicativo de que esta é realmente uma ferramenta de voz aos grupos minoritários, a participação deve ocorrer em totalidade nas programações, mais que isso deve ser claramente entendida e compreendida pelos agentes que fazem a rádio, incentivando para que a participação seja recorrente (OLIVEIRA, 2002).

Os encaminhamentos da pesquisa puderam explorar as respostas dos participantes sobre quais temas eles já abordaram nas programações das rádios comunitárias.

**QUADRO IX: SÚMULA SOBRE OS TEMAS ABORDADOS DENTRO DA RÁDIO COMUNITÁRIA**

QUESTÃO	ENTREVISTADO 04	ENTREVISTADO 08

Quais temas você já abordou dentro da rádio comunitária?	Já participei pedindo música, também já opinei sobre alguns problemas de violência que estavam acontecendo na minha rua, já questionei sobre as propostas do antigo presidente do bairro e já perguntei porque não temos mais notícias sobre as coisas da nossa região.	Quando eu participava sempre falava sobre a questão das lixeiras viciadas em nosso bairro, da falta de respeito de alguns moradores, também questionava sobre as programações religiosas que eram constantes e nem todo mundo gostava, infelizmente nada do que falei foi discutido por outros moradores ou mesmo pelo radialista, tudo que falei ali, por ali mesmo ficou.
--	---	---

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

Nesse sentido, aproveita-se para acrescentar e destacar que o ouvinte 07 declarou que já participou fazendo propagandas referentes as promoções de seu estabelecimento comercial. Para ir a fundo nesse questionamento surgiu a necessidade de indagar se em algum momento participou de temas socioculturais que envolviam a comunidade, obteve-se como resposta que nunca quis se envolver nesses assuntos, por não querer estar em polêmicas.

Para Peruzzo (2008) a rádio comunitária vista como um precursor meramente comercial demonstra que sua dimensão social ainda não foi absorvida em totalidade pela população que a acompanha, essa realidade está vinculada a falta de incentivo e pelo excesso de uma visão meramente lucrativa, seus idealizadores necessitam perpassar por essas questões burocráticas e desempenhar o papel comunitário que a ela pertence.

De acordo com Peruzzo (1998) são as visões opostas e diferentes tipos de participação que permitem perceber que as rádios comunitárias podem oscilar em suas definições, se não forem bem acentuadas quanto ao seu caráter existencial. Enquanto alguns atores sociais não conseguem desempenhar uma participação efetiva, outros caminham em sentido contrário e sentem-se integrantes das programações das rádios comunitárias.

Uma outra visão a respeito do conteúdo que se expressa nas rádios comunitárias foi evidenciada pelo entrevistado 08, conforme exposto acima, no quadro. A noção de participação não é apenas colocar em prática o ato de falar em público, cada ponto colocado por um indivíduo deve ser discutido, referendado e

analisado se será de grande contribuição ou não ao meio social. Dessa forma, a participação será ativa e constante, cada ser social sentirá prazer em ser útil à sua comunidade e poderá refletir sobre novos conceitos e questões que englobam sua vida na comunidade (ALMEIDA, 2010).

O fazer social, a expansão do que se pensa e do que se quer propor fica mais evidente e a sociedade é agraciada com a verdadeira percepção do que é ser uma rádio comunitária, um instrumento amplamente humano, feito por e para pessoas, destacando que não se pode vivenciar esses quesitos sem ter a dimensão da democratização das rádios (JALES; BARBOSA, 2015).

Em um âmbito geral, as respostas obtidas sobre a participação da comunidade nas programações e sobre os conteúdos discutidos nas rádios comunitárias evidenciaram que elas têm avançado quanto à participação. Alguns de seus ouvintes relatam poder falar de suas questões socioculturais, opinar sobre questões de sua comunidade, outros ouvintes apresentam divergências e apenas pedem músicas ou se quer demonstram interesse em participar por não se sentirem à vontade.

Os teóricos que tratam dessa temática são enfáticos ao afirmar que a rádio comunitária tem a expectativa de ser aquela que irá oportunizar que as comunidades esquecidas, isoladas e marginalizadas tenham voz. Ao passo que isso somente se faz quando o indivíduo comunitário se sente à vontade para expressar o que pensa, sem receios de ser censurado ou que o seu falar não seja devidamente levado a sério.

A realidade das rádios comunitárias não pode ser atrelada apenas às teorias, o caminhar radiofônico deve ter a prática e a teoria sempre unidas no intuito de garantir aos seus ouvintes programações que sejam voltadas para o acesso de todos, onde cada qual saiba do seu papel crucial no fazer crítico que as rádios necessitam alcançar.

#### **4.3 RÁDIOS COMUNITÁRIAS:** A tentativa de representação e inclusão das minorias nos meios de comunicação em Macapá-Ap

Abordar o tema participação e democratização das rádios comunitárias requer perpassar pelo seguinte questionamento acerca do silenciamento: até que ponto a

rádio comunitária tem difundido verdadeiramente seu papel na sociedade a qual faz parte?

Nesse pensar, perguntou-se aos ouvintes se em algum momento este foi impedido de falar sobre algum tema ou de dar a sua opinião sobre determinado assunto dentro da rádio. As respostas demonstram o que a rádio comunitária tem repercutido em suas programações em termos de participação efetiva, assim o ouvinte 08 afirma:

**QUADRO X: SÚMULA SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE NOS ASSUNTOS ABORDADOS.**

QUESTÃO	ENTREVISTAD O 04	ENTREVISTAD O 05	ENTREVISTA DO 06	ENTREVISTA DO 08
Acredita que a participação da comunidade nos assuntos abordados pela rádio poderia ser maior?	Eu nunca tive problemas em falar coisas que penso, os radialistas sempre me deixavam falar de tudo, já falei até de política que dá maior confusão, mas o que mais me deixa feliz é poder me expressar sem medo do que vou dizer, porque sei que quem vai me ouvir pertence ao mesmo lugar que eu.	Já participei algumas vezes dando minhas opiniões, sempre fui bem tratado e pude deixar bem claro o que eu pensava, falei da importância de as pessoas conhecerem melhor a rádio, inclusive até dei ideias sobre coisas que poderiam chamar a atenção de todos do bairro.	Das vezes que participei não fiquei muito à vontade não, porque muitas pessoas e até mesmo o radialista falou de algo que eu não concordava e quando fui falar mais detalhes, percebi que eles não ficaram satisfeitos, lembro até que o assunto era sobre uma rua de lazer que queriam fazer, foi a última vez	Deixei de participar das programações da rádio por isso. Sempre que falava algo que não estava de acordo com a maioria, eu era impedido de continuar a falar ou quando falava sentia que não gostavam do que eu falava.

			que falei na rádio.	
--	--	--	---------------------	--

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

É notório que a tentativa de controle da opinião é comum a projetos que sejam autoritários, assim silenciar ou modificar uma ideia demonstra que é necessário entender a razão pela qual muitos preferem não expressar o que pensam, um fato recorrente evidenciado pela espiral do silêncio. Quando os indivíduos não conseguem definir e explorar seus pensamentos, o silenciamento é ferramenta de manipulação e a democratização só existe no papel (HOHLFELDT, 1998).

A resposta obtida pelo entrevistado 04 contrapõe-se ao do entrevistado 08, conforme pode-se constatar no quadro X. A ideia de pertencer a um lugar aproxima a comunidade, dá a ela recursos para se expressar e quebrar paradigmas que cultuam o calar das vozes mais remotas dos quatro cantos de nosso país, seria então uma ferramenta de aproximação para infringir hegemonias de que a periferia e os esquecidos não podem opinar e dizer o que pensam, seria então a forma mais concreta de evidenciar a democratização do rádio (MONTEIRO, 2012).

Para Nunes (2001) é indiscutível a capacidade que a mídia tem em legitimar conteúdos e torná-los únicos e verdadeiros, a credibilidade que passa a seus ouvintes é irrefutável, nesse critério a ruptura do silenciamento e do alienamento se dá quando a comunidade não só participa ativamente, mas quando se torna parte integrante desse processo, fazendo com que sua verdade também seja ouvida e referendada.

Entretanto, uma vertente contrária a essa pode ser destacada quando a opinião dominante e maciça não permite que as pessoas expressem seus ideais, já que elas não querem estar em isolamento e preferem concordar com a ideia expressa pela grande maioria, segue então a proporção da espiral permanecendo viva mesmo em uma rádio comunitária. Tal teor, se alinha quando se analisa a resposta do entrevistado 06.

Sobre este depoimento, encontra-se a afirmação de Hohlfeldt (1998) sobre a onipresença da mídia como a modificadora e formadora de toda e qualquer opinião a respeito da realidade. Os sujeitos que fazem a rádio comunitária devem ser os primeiros a incentivar que todos tenham essa voz, aliás é de bom tom que as próprias pessoas da comunidade estejam realizando essas programações, que elas possam sentir o desejo em ser parte predominante no fazer midiático, assim a democratização



da rádio se faz nos pequenos detalhes construídos pelos seres sociais que habitam a região onde a rádio está.

O cenário da rádio comunitária necessita ser investigado, para que se comprove ou não a plenitude ou a falta de participação. Sendo assim, quis-se saber quais temas o ouvinte gostaria de abordar e/ou participar dentro da rádio comunitária de seu bairro, conforme exposto no quadro a seguir:

**QUADRO XI: SÚMULA SOBRE TEMAS QUE O OUVINTE GOSTARIA DE ABORDAR E/OU PARTICIPAR DENTRO DA RÁDIO COMUNITÁRIA**

QUESTÃO	ENTREVISTADO 03	ENTREVISTAD O 04	ENTREVISTADO 05	ENTREVISTAD O 07
Quais temas você gostaria de abordar e/ou participar dentro da rádio comunitária de seu bairro?	Meu desejo é poder continuar falando sobre o que acho importante para meu bairro, coisas que possam melhorar a minha vida e a dos meus amigos e parentes.	Gostaria de falar sobre projetos que existem na comunidade, como por exemplo, as escolinhas de futebol, os trabalhos da associação comunitária e eventos que acontecem no bairro e a gente nem fica sabendo.	Não me sinto confortável para falar de assuntos muito polêmicos, pois sinto que essa rádio poderia ser mais próxima da comunidade e falar mais dos nossos assuntos.	Na verdade, não gosto de falar sobre nada que me cause problemas, prefiro ficar na minha, pois tenho muitas coisas para fazer em meu comércio e não quero mais problemas.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

A partir destas falas, houve a necessidade de saber por que o ouvinte não sugeriria essas questões em algum dos programas. Aproximar a programação da rádio das pessoas da comunidade faz parte da essência de uma rádio comunitária, para tanto é preciso estreitar os diálogos, construir vínculos e estimular sentimentos de pertença (OLIVEIRA, 1991).

Para Jales e Barbosa (2015) quando o ouvinte não se sente componente do processo de construção e execução de uma rádio comunitária, ele tende a inibir-se da participação ativa neste veículo.

Peruzzo (1995) afirma que esta é a principal contribuição das rádios comunitárias para a comunidade, trazer a população excluída, marginalizada e silenciada ao protagonismo dentro de seu contexto, respeitando sua visão de mundo, costumes e principalmente, a consciência sobre sua própria realidade e conseqüentemente a construção de estratégias para a sua mudança.

Sabe-se que a rádio comunitária é construída a partir das inquietações de cada indivíduo que sente necessidade de expor suas questões, visões e pensamentos em um ambiente que possa se sentir livre e acolhido para tal. É necessário que haja engajamento e participação de cada ouvinte a ser atingido pelas programações para que a rádio seja propriamente veículo de manifestação e protagonismo popular, assim abaixo será discutido sobre essa participação nas rádios pesquisadas.

**QUADRO XII: SÚMULA SOBRE A PARTICIPAÇÃO E ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE NAS RÁDIOS.**

QUESTÃO	ENTREVISTADO 01	ENTREVISTADO 05	ENTREVISTADO 07
Acredita que a participação da comunidade nos assuntos abordados pela rádio poderia ser maior?	A população tem que participar mais da rádio para que todos tenham seu espaço, o locutor está sempre chamando as pessoas para dar sua opinião e sugestão, mas nem todos fazem isso.	Poucas pessoas participam dos programas, acho que é por vergonha, mas deveria ter mais gente falando dos nossos problemas ao invés de coisas que importam pro bairro.	A participação das pessoas é muito boa, não precisa de mais gente falando senão vira bagunça e ninguém se entende, do jeito que está é ótimo.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

Corroborando ao posicionamento do entrevistado 01, Carbonel et al. (2009) acrescenta que as rádios comunitárias só podem cumprir sua função social se estas estiverem em consonância com seu público, sendo necessário buscar formas de incluir os populares nesse meio para que o indivíduo se reconheça na programação.

O conteúdo das programações das rádios deve refletir a realidade da comunidade, quando estas não são pertinentes a comunidade o que acontece, por

consequência, é o silenciamento da comunidade, que pode ser visualizado quando as pessoas não se sentem encorajadas a participar (PERUZZO, 2006).

Contrariando as afirmativas dos entrevistados 01 e 05, o entrevistado 07 evidenciou contrapontos, conforme exposto no quadro XII. Vailati (2015) salienta que quando o ouvinte não contesta, discute, corrige, atualiza e não conversa com a rádio, o conteúdo oferecido não traz acréscimos à população, o que faz com que ela não se sinta convidada a refletir sobre suas próprias questões, fazendo com que a rádio fique obsoleta.

O olhar do ouvinte sobre o produto que está sendo oferecido a ele é de fundamental importância para avaliar a efetividade das ações executadas pelas rádios, sendo necessária constante avaliação da programação junto àqueles que fazem com que a rádio tenha de fato sua funcionalidade. Sobre esta questão foi indagado aos ouvintes como ele analisa a rádio comunitária do seu bairro, ou seja, qual dimensão desta para a comunidade.

**QUADRO XIII: SÚMULA SOBRE A ANÁLISE DA RÁDIO COMUNITÁRIA DO SEU BAIRRO**

QUESTÃO	ENTREVISTADO 01	ENTREVISTADO 02	ENTREVISTADO 07
Como membro da comunidade como você analisa a rádio comunitária do seu bairro?	Acho a rádio tão importante para a gente, antes dela existir não sabíamos nada sobre coisas daqui. Ela veio para nos ajudar e para mostrar que nós poderíamos fazer parte de algo.	Nossa rádio é muito importante, quando participo dela e vejo outras pessoas falando, sinto que estamos ganhando cada vez mais espaço, sinto que nosso bairro está sendo visto, que nossos problemas podem ser ouvidos e melhor ainda que podemos juntos resolvê-los.	A rádio é boa para quem gosta de música, de promoções, de escutar palavras bonitas da igreja. Ela pode fazer bem para quem se sente sozinho, agora pra mim é legal porque posso falar das promoções que faço no meu comércio e todos vão ficar sabendo e vão querer ir até lá.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

Como uma comunidade sem referência, sem um veículo que atribuísse valor a sua linguagem, poderia sentir-se acolhida, construir sentido, sem um lugar ao qual pudesse emitir sua voz e contribuíssem para a construção de uma comunidade mais

unida e que conseguisse ser parte da comunicação, essa é a rádio comunitária em seu melhor âmbito, o lugar que as pessoas desejam estar (VAILATI, 2015).

É crucial que a rádio tenha um pouco de cada ouvinte, pois assim a comunidade poderá interessar-se e compreendê-la como principal meio para superar a invisibilidade social, a marginalização que os grandes veículos midiáticos impõem a estas áreas, quebrando assim o silenciamento sistêmico (CARBONEL et al., 2009).

A sensação de respeito, integridade e valorização afloram na sociedade quando as pessoas se sentem a par das circunstâncias que as rodeiam, fruto essencial das rádios comunitárias que foram criadas para promover o fim da exclusão, silenciamento e das relações arbitrárias. O sujeito ouvinte e falante é aquele que toma partido e escolhe como será sua atuação mediante um tema, essas são as características de um ouvinte ativo das rádios comunitárias (CAVALCANTI, 2018).

#### **4.4 AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS E A ESPIRAL SILÊNCIO:** As implicações no cotidiano amapaense

Sabe-se que comunidades periféricas e marginalizadas por vezes tem sua voz, vivência, pensamentos e anseios diminuídos e/ou segregados pela grande massa por meio de veículos de comunicação hegemônicos que tem como grande intuito moldar o pensamento da sociedade e ditar caminhos a serem seguidos por todos, silenciando assim as questões pertinentes ao grande público historicamente e sistematicamente excluído.

As rádios comunitárias têm como sua função social primordial de fazer ecoar a voz das comunidades e quebrar este paradigma de isolamento e esquecimento propositalmente imposto. Neste contexto, é de fundamental importância abordar sobre a espiral do silêncio e como se aplica no cotidiano popular dos habitantes de 3 (três) bairros periféricos do município de Macapá. Assim, a primeira das indagações foi sobre como o ouvinte avaliava o alcance da rádio no dia a dia do bairro e prontamente obteve-se as seguintes respostas:

#### **QUADRO XIV: SÚMULA SOBRE O ALCANCE DA RÁDIO NO DIA A DIA DO BAIRRO**

QUESTÃO	ENTREVISTADO	ENTREVISTADO
	02	06

Como você avalia o alcance da rádio no dia a dia do bairro?	Tem caixas de som com os programas da rádio em todo o nosso bairro, ela começou bem pequena e hoje vem crescendo com a ajuda dos moradores, alguns ainda não participam, mas estamos tentando mudar isso incentivando que todos deem sua opinião porque se não passarmos nossa mensagem ninguém vai saber das nossas coisas e resolver nossos problemas.	Apesar de ter muitos pontos onde podemos ouvir, não vejo muitas pessoas interessadas em colaborar com a rádio, além disso as pessoas que participam não aceitam muito bem opiniões contrárias e isso afasta as pessoas. Como já disse, gosto apenas de pedir minha música, mas queria poder mudar algumas coisas lá e outras pessoas também acham isso.
---	--	---

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

Para Luz (2001) as rádios comunitárias se forem construídas de maneira democrática e focada nos interesses de sua comunidade, tendem a ter uma programação voltada a estimular a inteligência, o debate e a integração da comunidade com os seus problemas. Em relação à cidadania, a rádio comunitária estimula a participação do ouvinte como cidadão e cidadã, destacando os direitos e deveres. Nesta perspectiva, são as rádios comunitárias que se tornam, muitas vezes, instrumentos de rompimento com o poder concentrado da mídia hegemônica e comercial.

Diante do exposto, podemos destacar o quão importante torna-se a atuação desses empreendimentos populares no cotidiano das comunidades, pois a partir da execução de suas atividades atreladas a um trabalho de formação e conscientização política, social e cidadã, observamos a construção identitária, a afirmação de visões de mundo que poucos são exploradas e acima de tudo, o despertar para o início de um processo de quebra do silenciamento local.

Apesar da constatação da existência de processos libertários a partir do advento de rádios comunitárias, é notável também, em outras comunidades, o distanciamento dos pressupostos desses veículos de comunicação popular, esta ideia é constatada por meio da seguinte fala, no entrevistado 06.

Oliveira (2000) esclarece que há emissoras, mesmo que comunitárias, desviantes de seus ideais e este desvirtuamento contribui para a continuidade de práticas que impõem o silêncio e a hegemonia, afastando seus ouvintes que não colocam no ar suas diferentes vozes e questões no cenário público, mesmo estando

próximo da comunidade, essas rádios continuam longe de uma representação realística de seu território.

Torna-se de fundamental relevância destacar, neste contexto em que o questionado foi aplicado, que é visível a desconstrução da função social da rádio comunitária, pois acaba por colaborar com o silenciamento da comunidade em questão e, principalmente, propicia a egressão dos indivíduos aos quais deveria acolher, ouvir e transmitir suas vozes.

A seguir, também foi perguntado se houve mudanças no bairro depois que as atividades das rádios comunitárias se iniciaram, logo os ouvintes responderam:

**QUADRO XV: SÚMULA SOBRE AS MUDANÇAS NO BAIRRO COM A CHEGADA DA RÁDIO COMUNITÁRIA**

QUESTÃO	ENTREVISTADO 01	ENTREVISTADO 07	ENTREVISTADO 08
Houve mudanças no bairro depois que as atividades da rádio se iniciaram?	Mudou muita coisa, a comunidade começou a ver que sofremos com os mesmos apertos e a se unir para brigar por melhorias pro nosso bairro, a gente pôde se organizar e levar nossas dificuldades até os nossos representantes e já conseguimos algumas vitórias, como por exemplo a reforma das pontes e a iluminação do bairro. Através da rádio criamos projetos pras nossas crianças e estamos divulgando.	A única mudança de verdade que percebi foi a respeito do meu comércio, o movimento aumentou e consegui mais clientes, fora isso não teve mais nada. Os outros moradores até falam dos problemas do bairro, mas ninguém ouve porque o espaço para falar ainda é pequeno e muitas vezes é desorganizado. Além disso, as pessoas hoje em dia procuram mais a internet e a TV pra se informar e dar opinar sobre os assuntos.	Não vi nem uma mudança acontecer depois que a rádio começou seus trabalhos, eu tentei participar, dar minha opinião e falar sobre nosso bairro, mas sempre era impedido quando o radialista, e até mesmo outros moradores, não concordavam comigo. Quem tem a mesma opinião até tem espaço pra falar, mas ninguém faz nada pra mudar as coisas.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

Spenillo (2004) destaca que na conjuntura atual, a tecnologia e a informação circundam os ciclos societários e são capazes de produzir informações com cada vez mais velocidade. Assim, se torna necessário repensar a comunicação que se pode

realizar nos meios populares, pois neste contexto, as camadas mais populares são obrigadas a conviver cotidianamente com a exclusão da produção social de informação e de comunicabilidade, destituindo esses atores do direito de decisão, participação e exercício da cidadania.

Nota-se que, quando a rádio comunitária não consegue atuar da forma como é esperada, o sentimento de frustração impera nos seus ouvintes. Nesta conjuntura, é preciso criar estratégias, tais como: o repensar de sua programação e a conscientização daqueles que operam este veículo acerca do verdadeiro sentido de uma emissora popular.

Divergindo aos anteriores, o entrevistado 01 (conforme exposto no quadro XV) apresenta que em sua visão houve melhoras significativas para a comunidade. Silva (2011) reitera que as rádios constituídas no contexto das áreas periféricas podem e devem ser enxergadas como instrumentos pedagógicos de conscientização comunitária. Essas emissoras articulam os seus ouvintes na construção democrática de sua programação e principalmente, seus objetivos, esclarecendo a seus pares, seu posicionamento como um agente de transformação tanto política quanto social. No âmbito amapaense, a partir da aplicação dos questionários em campo, é possível verificar que o advento de métodos de quebra do padrão de silenciamento vigente, ainda é pontual e tímido, porém, possível e adequável às diferentes conjunturas e singularidades que os bairros e/ou comunidades apresentam.

Ainda neste segmento, foi perguntado aos entrevistados se estes já sentiram que suas intervenções na rádio puderam modificar as visões de outros seguimentos da sociedade em geral, assim os participantes 01, 04 e 07 foram veementes ao dizerem que apesar dos esforços, o que ainda impera é o sentimento de isolamento da comunidade e exclusão. Esta premissa pode ser constatada nas seguintes respostas:

**QUADRO XVI: SÚMULA SOBRE AS INTERVENÇÕES DA RÁDIO NOS SEGUIMENTOS DA SOCIEDADE**

QUESTÃO	ENTREVISTADO 01	ENTREVISTADO 04	ENTREVISTADO 07
Você já sentiu que suas intervenções na rádio puderam	A rádio veio pra nos ajudar com os problemas que	A rádio veio pra nos mostrar que temos voz e vez, foi importante pra	Só ouve a rádio quem é do bairro, nossas opiniões ficam pra nós

<p>modificar as visões de outros seguimentos da sociedade?</p>	<p>passamos no nosso dia e fazer com que o bairro fosse visto pelos nossos políticos, mas isso não acontece, as pessoas fazem denúncias e falam como está a situação, mas isso não sai do bairro. Na televisão a vizinhança é vista como perigosa e que só tem bandidos, mas não mostra como temos gente boa e trabalhadora que se importa com a comunidade e faz projetos pra tentar trazer melhorias, nosso único espaço pra mostrar a realidade é a rádio.</p>	<p>nos dar consciência e nos educar pra que a gente fosse atrás dos nossos direitos. Através da rádio nós conseguimos ser vistos em outros lugares e pudemos falar nossa verdade e estamos vendo resultados positivos. Eu me senti bastante valorizado e acho que os outros moradores do bairro também se sentem, ainda temos um logo caminho pela frente e é por isso que seguimos fortalecendo nossa rádio.</p>	<p>mesmos. Nunca vi a nossa realidade ser falada em outro lugar, aqui tem coisas boas e ruins, mas na TV e nos jornais só aparecem as coisas ruins, não no sentido de ajudar, mas sim de fazer com que outras pessoas tenham preconceito com o lugar onde moramos.</p>
--	---	---	--

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

Para Peruzzo (2005) um dos desafios que os veículos midiáticos regionais e locais enfrentam cotidianamente é a dificuldade de expandir sua atuação e fazer com que suas particularidades sejam conhecidas e reconhecidas por outros segmentos da sociedade. Dentre os motivos para que este paradigma continue se perpetuando, deve ser destacado o desinteresse dos grandes grupos hegemônicos em incluir as pautas desses atores sociais, bem como, sua visão de mundo e particularidades em uma ampla agenda de discussão, o que torna a sua intervenção silenciada e até mesmo desprestigiada.

No cenário macapaense, o que impera no seio das comunidades periféricas é o sentimento de descontentamento e exclusão. Os assuntos do bairro não são evidenciados ou debatidos de forma profunda e sua gente não é vista como parte interessante para a produção de informação. As lutas são ignoradas e suas organizações diminuídas a meros recortes de notícias, torna-se cada vez mais imprescindível repensar suas formas de comunicação, remodelando suas programações e estratégias para o combate do silenciamento.



Apesar dos grandes desafios para efetivar a atuação das rádios em consonância com seus propósitos, algumas vezes, a rádio comunitária consegue quebrar o processo de silenciamento impositivo, esta premissa pode ser constatada por meio da resposta do entrevistado 04.

Peruzzo (2007) enfatiza que para romper com a realidade hegemônica que se apresenta é preciso construir espaços estratégicos no âmago dos agrupamentos populares. Isto implica dizer que as rádios comunitárias, desde sua gênese, têm o poder para exercer esse papel, desde que estejam aparelhados com os anseios populares, criando mecanismos de inclusão e espaços para o exercício democrático da participação de todos. Esse tipo de comunicação pode ser o ponto central onde a comunidade encontra meios para quebrar o paradigma do silêncio.

No contexto estudado, as rádios comunitárias pouco têm conseguido exercer suas atribuições de forma plena. A partir dos questionamentos é possível apontar que tais empreendimentos encontram dificuldades em diversos aspectos como organização, compreensão de quais atividades devem ser desenvolvidas e até mesmo consciência sobre seu papel no âmbito popular. Assim, ações devem ser tomadas para que ocorram mudanças significativas nestes locais, desde formação para conscientização política até mudanças estruturais em sua atuação, repensando programação e edificando estratégias para uma maior participação dos indivíduos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o processo de silenciamento sistêmico e a imposição do modo de pensar dominante empreendido pelos grandes veículos de comunicação em massa no contexto da Amazônia Amapaense, mostrou-se de suma importância para o enriquecimento do debate sobre a necessidade da democratização da comunicação nessas realidades periféricas do Norte.

Compreender como as rádios comunitárias atuam neste contexto de exclusão é fundamental para entendermos como estas tornam-se instrumento de ruptura da espiral do silêncio, bem como, de que forma as comunidades resistem e constroem sua imagem, voz e organização a partir deste veículo.

Assim, este estudo buscou demonstrar, por meio de pesquisas bibliográficas e de campo, o percurso histórico, as particularidades encontradas na implantação das rádios no Brasil e na Amazônia, o debate acerca do movimento da Teoria da Espiral do Silêncio, as funções da rádio comunitária no contexto das comunidades e periferias. Por outro lado, foi possível desnudar a realidade de Macapá-Ap em relação ao empreendimento dessas rádios como veículos amplificadores da voz de suas comunidades e de superação do silenciamento.

A partir da análise das pesquisas bibliográficas comprovou-se que as rádios comunitárias foram criadas com o intuito de oportunizar que as comunidades periféricas e marginalizadas tivessem voz e pudessem expressar suas opiniões sem medo de serem hostilizadas.

Ao mergulhar na realidade macapaense, por meio dos dados coletados na pesquisa de campo, verificou-se que as rádios comunitárias alcançaram parcialmente e pontualmente sua função como ferramenta de ruptura da espiral do silêncio.

Seu papel social foi percebido nas seguintes questões: permitir que alguns participantes expressem suas opiniões e a realidade local, problematizando as questões, produzindo debates e soluções; oportunizar a participação dos ouvintes na construção das programações das rádios, bem como, no direcionamento das atividades delas e produzir informações pertinentes ao seu dia a dia.

Em contrapartida, mediante o exposto por alguns dos entrevistados, as rádios comunitárias macapaenses 'deixam a desejar' e não efetivaram por completo seu fazer democrático quando elencaram as seguintes problemáticas: não permitir expor

a opinião de todos, ou seja, alguns ouvintes sentiram-se censurados, não oportunizaram e incentivaram a participação de uma parcela maior da comunidade, descartaram opiniões ou ideias que não corroboram com o pensar da maioria, limitaram-se a propagar apenas músicas, programações religiosas ou comerciais e, principalmente, não efetivaram-se como fonte de reverberação das opiniões, características e singularidades de seus respectivos territórios e, principalmente, a impossibilidade, na maior parte dos veículos, de transmitir a voz das comunidades para outros segmentos.

Dessa maneira, conclui-se que as rádios comunitárias macapaenses necessitam reestruturar sua forma de atuar no âmbito das comunidades, readequando sua grade de programas, tornando mais inclusivas e construindo ações para firmarem-se como essa ferramenta que oportunizará a verdadeira propagação das vozes comunitárias, formando atores sociais que se sintam capazes de exporem suas demandas para outros setores da sociedade.

Neste estudo, ficou evidente a necessidade da formação de uma visão crítica acerca dos veículos comunitários que atuam em Macapá-Ap, bem como, compreender seus ouvintes e seus modos de vida, enxergando-os como agentes modificadores da sua realidade, que precisam organizar-se unitariamente para lutar por melhorias coletivas e, principalmente, quebrar o processo de silenciamento e exclusão por meio da efetivação das atribuições das rádios comunitárias.

Ao discutir essa temática e elencar suas conclusões é possível demonstrar à sociedade o papel modificador, articulador e comunicativo das rádios comunitárias e os obstáculos que encontram para cumprir sua função, descortinando o processo de silenciamento sistêmico e superando-o, assim as comunidades irão compreender o papel crucial que as rádios desempenham ao levar a voz das periferias e dos marginalizados a outros espaços.

Outrossim, trouxe novas concepções e a possibilidade da continuidade do debate, da compreensão e de outras análises acerca do objeto estudado, sendo ao meio acadêmico uma nova fonte de pesquisa, que poderá reafirmar o que já foi estudado ou criará subsídios para novos temas.

## REFERÊNCIAS

ABREU, C. **O início do movimento de rádios livres**. In: ENCONTRO ESTADUAL DE RÁDIOS LIVRES E COMUNITÁRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1, São Paulo, 1995.

AFONSO, L. M. “Não desligue o rádio”: o cotidiano musical radiofônico em Manaus (1943-1964). **Tese de Doutorado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, 290 f, 2019.

ALMEIDA, C. D. *et al.* A prática de cidadania comunicativa na experiência de rádio comunitária. **Compós** - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2010. Disponível em: [http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4\\_cristovao\\_domingos\\_de\\_almeida\\_joel\\_felipe\\_guindani\\_valdir\\_jose\\_morigi.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4_cristovao_domingos_de_almeida_joel_felipe_guindani_valdir_jose_morigi.pdf). Acesso em: 23 de out de 2020.

Alternativa e Comunitária. **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, setembro de 2006. Disponível em: <http://unesav.com.br/ckfinder/userfiles/files/Revisitando%20os%20Conceitos%20de%20Comunicacao%20Popular.pdf>. Acesso em: 22 de set de 2020.

ALVES M. N.; ANTONIUTTI, M.; FONTOURA, C. L. **Mídia e produção audiovisual: uma introdução**. Editora Ibpex, 2008.

ANDRIOTTI, C. D. O movimento das Rádio Livres e Comunitárias e a democratização dos meios de comunicação no Brasil. (**Dissertação de Mestrado**). 2004.

AZEVEDO, L. C. No tempo do rádio: radiofusão e cotidiano no Brasil. 1923 – 1960. **Tese de doutorado** apresentada a universidade federal Fluminense, 2002.

BARROS, C. **Ética na comunicação** – da informação ao receptor. São Paulo:

BERNARDI, J. R., *et al.* Ditadura militar, projeto minerva e educação a distância. **XXV semana de ciências sociais**, 50 anos do golpe militar, universidade estadual de Londrina – SC, 2014.

BERTI, O. M. C. Vinte e um anos da lei das rádios comunitárias no Brasil. Pontos e contrapontos. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 10, n. 02, pp. 150-171, jul/dez, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leitura>. Acesso em: 22 de set de 2020.

BLOIS, M. Rádio educativo: uma escola de vida e cidadania. In: BARBOSA FILHO A; PIOVESAN A; BENETON R (org.). **Rádio: Sintonia do futuro**. São Paulo: Paulinas, p. 147-176, 2004.

BORELLI V, et al. Rádios comunitárias e legislação: um estudo da programação da Carai FM e da ComNorte FM, Santa Maria, RS. **Revista ALTERJOR**, v. 01, n. 01, jan/dez, 2010. Disponível em:

BRASIL. **Lei nº 9.612. (1998)**. Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9612.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9612.htm) Acesso em: 15 de ago de 2020.

CALABRE, L. Políticas públicas culturais de 1924 a 1945: o rádio em destaque. **Estudos Históricos**, Mídia, n. 31, 2003. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/346.pdf> Acesso em 14 de set de 2020.

CARBONEL, F. L. , *et al.* Rádios comunitárias de Santa Maria: um estudo sobre o cumprimento da legislação. **Disc. Scientia. Série:** Artes, Letras e Comunicação, S. Maria, v. 10, n. 1, p. 39-54, 2009. Disponível em:

CARDOSO, C. A. S. Dissertação sobre o Alô, Alô Amazônia. **Entrevista concedida à Patricia Teixeira Wanderley** - Macapá, 2020.

CAVALCANTE, P. S. L., *et al.* "**O melhor som da cidade**", a efêmera **Rádio Equatorial de Macapá**. Universidade Federal do Amapá, 2011. Disponível em:

CHAGAS, M. **Entrevista concedida a Cavalcante PSL**, em outubro de 2011. Macapá/AP

CLEZAR, R.; VITALI, M. Censura e repressão nas ondas do rádio. **Trabalho de Conclusão de Curso** de Jornalismo da Faculdade SATC, 2016. Disponível em:

COELHO, T.; SILVEIRA, R. "**Rádios Livres: Sem restrições**". **Cadernos do Terceiro Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Terceiro Mundo, outubro/1995, no 190, pp.18-20.

COGO, D. **No ar: uma rádio comunitária**. São Paulo: Paulinas, 1998.

COMASSETO, L. R. **A voz da aldeia: o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global**. Florianópolis: Insular, 2007.

COMASSETO, L. R.; RHODEN, V.; COLVEIRO, R. B. **A integração pelas ondas do rádio: a rede educativa da universidade federal do Pampa**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 15, n. 29, p. 21-40, jan/jun, 2016.

COSTA, M. J. S. R.; HERMANN, W. **Rádios livres, rádios comunitárias: outras formas de fazer rádio e política**. Lugar Comum (UFRJ), Rio de Janeiro

DALCIM, F. **Rádios comunitárias do interior Gaúcho: um estudo de caso da microrregião de Sananduva**. 78 f. **Dissertação (Mestrado em comunicação social)** – Faculdade de comunicação social, PUCRS. Porto Alegre. 2012.

FERRARETTO L. A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto. 2000

FERREIRA, P. **Após o regatão, o rádio e a televisão**. 2005. Disponível em: [www.ufrgs.br/.../Apos%20o%20regatao-%20o%20radio%20e%20a%20televisao.doc](http://www.ufrgs.br/.../Apos%20o%20regatao-%20o%20radio%20e%20a%20televisao.doc) Acesso em: 22 de set de 2020.

GIRALDI, P. **O rádio no Amapá: pioneiros**, Macapá-AP, coleção de sala 1 UNIFAP editora, 94 p. 2018.

GOMES, A. **As narrativas orais na reconstituição da memória radiofônica: um estudo de caso**. 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gomes-adriano-narrativas-orais.pdf> Acesso em: 22 de ago de 2020.

JALES, T. M.; BARBOSA, G. F. A criminalização da operação das rádios comunitária no Brasil. **Revista Transgressões – Natal – RN**, v. 3, n. 1, maio, 2015. Janeiro. Soarmec Editora, 1999.

KOCHHANN, R., *et al.* Rádio: convergência tecnológica e a evolução dos dispositivos. **VIII Encontro Nacional de História da Mídia**. Anais Eletrônicos... Guarapuava, Paraná, abril de 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011/artigos/Radio%20convergencia%20tecnologica%20e%20evolucao%20dos%20dispositivos.pdf>. Acesso em: 12 de ago de 2020.

KUNSCH M.M.K. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. Editorial Summus, 1986.

MAFRA, E. M. O cotidiano e o rádio: reflexões sobre o rádio amazonense. **XIII Congresso das Ciências da Comunicação na Região Norte**. Belém, 2014.

MARTINS, M.L. ROQUETTE PINTO: O PRECURSOR DA EDUCAÇÃO NO RÁDIO. **Revista Educação**. 2005. Disponível em: [http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0069\\_06.html](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0069_06.html) Acesso em: 13 de out de 2020.

MEDTSCH, E. **Meias-verdades que continuamos ensinando sobre o radiojornalismo na era eletrônica**. Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de

MENDONÇA, R. **A Espiral do Silêncio e as Representações Sociais: Os Meios de Comunicação, a Legitimação e a Naturalização**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015

MENEGUEL, Y. P.; OLIVEIRA, O. **O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf> Acesso em: 14 de set de 2020.

MILANEZ, L. (org). **Rádio MEC: herança de um sonho**. Rio de Janeiro: ACERP, 2007.

MILITÃO, J. **Como fazer trabalho comunitário?** São Paulo: Paulus, 2003

MONTEIRO, H. **Relações Públicas Comunitárias como Promotor da Cidadania e Comunicação para o Desenvolvimento Comunitário**. 2012. 94 f. Monografia (Licenciatura em Relações Públicas e Secretariado executivo) - ESCOLA DE NEGÓCIOS E GOVERNAÇÃO, Universidade Cabo Verde, Praia, 2012

MOREIRA, S.V. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

NERY, V. C. A; TEMER, A. C. R. P. **Para entender as Teorias da Comunicação**. 2ª ed. Uberlândia: Aspectus, 2009.

NEVES, J. J. A. **A Rádio Difusora, cultura e sociedade**. Entrevista concedida a Lucyanne de Melo Afonso no dia 04 de março de 2017.

NOELLE-NEUMANN, E. PETERSON, T. (2004). The spiral of silence and the social nature of man. In L. E. Kaid (Ed.), **Handbook of political communication research** (pp. 339-356). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

NUNES, M. V. **Rádios comunitárias no século XXI: exercício da cidadania ou instrumentalização da participação popular?** In: Moreira SV; DEL BIANCO NR (org.).

**Desafios do rádio no século XXI.** São Paulo: Intercom. Rio de Janeiro: UERJ, p. 233-250. 2001. Disponível em:

OETRIWANO, G. S. **A informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** 3. ed. São Paulo: Summus, 1985.

OLIVEIRA, M. J. C. Poder legislativo e comunicação pública: uma perspectiva sobre a região metropolitana de Campinas. In: **Anais Eletrônicos.** 2005. Disponível em: [www.intercom.org.br](http://www.intercom.org.br) Acesso em: 24 de out de 2020.

OLIVEIRA, O. S. **Genocídio cultural.** São Paulo: Paulinas, 1991. p. 111. 1991

PAIVA, R. **O Espírito Comum – comunidade, mídia e globalismo –** 2ª Ed. 2003. In: ARANHA ML **História da educação.** São Paulo. Editora Moderna. 2º Ed. revisada e atualizada, 2001. P.211-216.

PERUZZO, C. M. K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. **Reelaborações no setor**, v. 11, n. 2, pág. 367-379, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/649/64911214.pdf> Acesso em: 22 de out de 2020.

PERUZZO, C. M. K. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. **Lumina**, v. 1, n. 1, 5 jun. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2007.v1.20989> Acesso em: 14 de dez de 2020.

PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, v. 43, p. 67-84. 2005. Disponível em:

PERUZZO, C. M. K. Participação nas Rádios Comunitárias no Brasil. **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**, 1998. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/peruzzo-cicilia-radiocomunitaria-br.pdf> Acesso em: 23 de out de 2020.

PERUZZO, C. M. K.; VOLPATO, M. O. Rádio Comunitária e liberdade de expressão no Brasil. Chasqui. **Revista Latino americana de Comunicación**, n. 109, 2010. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/163> Acesso em: 24 de set de 2020.

ROSTAM, B. M. **Alô Amazônia: A linguagem da floresta no rádio.** São Paulo: Limiar, 2005.

SANTOS, *et al.* Rádios comunitárias no Brasil: entre a clandestinidade e a relevância social. Chasqui. **Revista Latino americana de Comunicación**, nº 140, abr/jul, 2019. São Paulo: Summus, 1999.

SILVA, J. T. Rádio: um recurso pedagógico ao alcance de todos. **Anais do VI EPEAL - Encontro de Pesquisa e Educação em Alagoas.** 2011.

SITE RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ. Disponível em <http://www.difusora.ap.gov.br> Acesso em: 14 de dez de 2020.

SOUSA, S. S. G. **Rádios ilegais: da legitimidade à democratização das práticas.** (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://bit.ly/2Tkju68> Acesso em: 20 de out de 2020.

SOUZA, E. **Dissertação sobre o Alô, Alô Amazônia.** [Entrevista concedida a] Patricia Teixeira Wanderley. Macapá, set. 2018

SOUZA, M. G. Limites e possibilidades do rádio na Educação a Distância. In: **IV Seminário Nacional da Associação Brasileira de Educação a Distância**. Brasília, 9 a 11 de abril de 2006. Disponível em: <http://www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc013.pdf> Acesso em: 22 de set de 2020.

STEINBRENNER, R.; HURTIENNE, T.P. Rádios Comunitárias na Amazônia: desafios da comunicação comunitária em regiões periféricas. In: **VI Encontro da ANPPAS** – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, Belém, Pará, setembro 2012.

TEIXEIRA, F.; ALMEIDA, L. M. **Aspectos históricos, socioculturais e tecnológicos do rádio e da educação**. 2º ed. rev. – Florianópolis. 2014.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

VAILATI, A. L. Rádios comunitárias e educação: conteúdo *versus* legislação. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao colegiado do PPGE. Itajaí – SC. 2015. Disponível em:

WANDERLEY, P. T. A. **Alô, Alô Amazônia**: o rádio que o ouvinte também faz. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, 2019.

ZUCULOTO, V. R. M. A notícia no rádio pioneiro e na época de ouro da radiofonia brasileira. In. CUNHA, MR. HAUSSEN, DF. (Org.) **Rádio brasileiro: episódios e personagens**. Porto Alegre: EDIPUCRS. P. 15- 34. 2003.



## **ANEXO I**

### **PERGUNTAS E RESPOSTAS UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM AS PESSOAS DAS COMUNIDADES SOBRE AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS DE SEUS BAIRROS**

#### **RESPOSTAS DO ENTREVISTADO 01:**

**1. Você é conhecedor da rádio comunitária do seu bairro?**

“Sim, sei que em uma rádio em meu bairro”.

**2. Qual a sua percepção sob a programação que a rádio traz para esta comunidade?**

“A rádio traz informações sobre o que acontece dentro da comunidade, traz informações sobre o que está acontecendo de grave e de bom pelas ruas do bairro, mostrando também as promoções dos comércios e dando dicas de tarefas para se fazer para o bem da comunidade”.

**3. Você mudaria algo na grade de programação que a rádio apresenta? Se sim, o que?**

“Não mudaria não, acho que fala de tudo que precisamos”.

**4. Você participa das programações da rádio do seu bairro? Se não, por quê?**

“Sim, participo das programações, acho interessante fazer parte dos assuntos da minha comunidade”.

**5. Como o radialista incentiva a participação da comunidade nos programas da rádio?**

“Ele convida para que todos possam falar, até pedir música e também outras coisas”

**6. Você acha que poderia ser diferente a conduta do radialista?**

“Não, o radialista tá fazendo as coisas direitinho na rádio e deve continuar assim”

**7. De quais programas você costuma participar dentro da rádio comunitária?**

“Gosto muito de pedir música, de dizer minhas ideias para os programas da rádio, de opinar sobre as festas do bairro e sobre como melhorar as coisas aqui, os radialistas sempre convidam a comunidade para estar presente nas programações”.

**8. Quais temas você já abordou dentro da rádio comunitária?**

“Já falei das festas do nosso bairro, também já pedi umas músicas, já falei sobre algumas coisas que precisavam melhorar por aqui”.

**9. Em algum momento você foi impedido de falar sobre algum tema ou de dar a sua opinião sobre determinado assunto dentro da rádio?**

“Não, sempre falei de tudo que eu precisava no momento. Nunca me disseram nada”.

**10. Quais temas você gostaria de abordar e/ou participar dentro da rádio comunitária de seu bairro?**

“Acho que sobre as eleições para presidente do bairro, mais respeito pelo nosso lugar, muita gente não cuida do nosso bairro”

**11. Acredita que a participação da comunidade nos assuntos abordados pela rádio poderia ser maior?**

“A população tem que participar mais da rádio para que todos tenham seu espaço, o locutor está sempre chamando as pessoas para dar sua opinião e sugestão, mas nem todos fazem isso”.

**12. Como membro da comunidade como você analisa a rádio comunitária do seu bairro?**

“Acho a rádio tão importante para a gente, antes dela existir não sabíamos nada sobre coisas daqui. Ela veio para nos ajudar e para mostrar que nós poderíamos fazer parte de algo”.

**13. Como você avalia o alcance da rádio no dia a dia do bairro?**

“Tá bom, eu acho que chega pra todo mundo e eles podem ouvir sem problemas”

**14. Houve mudanças no bairro depois que as atividades da rádio se iniciaram?**

“Mudou muita coisa, a comunidade começou a ver que sofremos com os mesmos apertos e a se unir para brigar por melhorias pro nosso bairro, a gente pôde se organizar e levar nossas dificuldades até os nossos representantes e já conseguimos algumas vitórias, como por exemplo a reforma das pontes e a iluminação do bairro. Através da rádio criamos projetos pras nossas crianças e estamos divulgando”.

**15. Você já sentiu que suas intervenções na rádio puderam modificar as visões de outros seguimentos da sociedade?**

“A rádio veio pra nos ajudar com os problemas que passamos no nosso dia e fazer com que o bairro fosse visto pelos nossos políticos, mas isso não acontece, as pessoas fazem denúncias e falam como está a situação, mas isso não sai do bairro. Na televisão a vizinhança é vista como perigosa e que só tem bandidos, mas não mostra como temos gente boa e trabalhadora que se importa com a comunidade e faz projetos pra tentar trazer melhorias, nosso único espaço pra mostrar a realidade é a rádio.”

## RESPOSTAS DO ENTREVISTADO 02:

**1. Você é conhecedor da rádio comunitária do seu bairro?**

“Sim, sei que existe”.

**2. Qual a sua percepção sob a programação que a rádio traz para esta comunidade?**

“A programação da rádio do bairro é ótima e consegue informar a gente, trazer alegria, diversão e informação”.

**3. Você mudaria algo na grade de programação que a rádio apresenta? Se sim, o que?**

“Colocaria mais coisas sobre projetos do bairro para os jovens”.

**4. Você participa das programações da rádio do seu bairro? Se não, por quê?**

“Participo sim das programações, gosto de pedir músicas, participar de enquetes, dar minha opinião sobre as coisas que ocorrem no bairro”.

**5. Como o radialista incentiva a participação da comunidade nos programas da rádio?**

“O radialista pede para as pessoas falarem no rádio, fala no microfone e chama todo mundo pra participar”.

**6. Você acha que poderia ser diferente a conduta do radialista?**

“Não, acho que tá tudo certo com o que ele fala”

**7. De quais programas você costuma participar dentro da rádio comunitária?**

“Sempre gostei de expor minha opinião, principalmente quando são assuntos que podem melhorar os problemas do nosso bairro, quando tem debates mais de política, como por exemplo, para decidir e escolher o presidente de bairro, ou até mesmo quando precisa dar opiniões em assuntos mais polêmicos como sobre o que os deputados e vereadores estão fazendo pelo povo”.

**8. Quais temas você já abordou dentro da rádio comunitária?**

“ Falo das coisas ruins do bairro, sobre a escolha do presidente e de política”.

**9. Em algum momento você foi impedido de falar sobre algum tema ou de dar a sua opinião sobre determinado assunto dentro da rádio?**

“Não, sempre falo de tudo que quero, tá normal”.

**10. Quais temas você gostaria de abordar e/ou participar dentro da rádio comunitária de seu bairro?**

“Queria criar projetos para a juventude e falar deles”

**11. Acredita que a participação da comunidade nos assuntos abordados pela rádio poderia ser maior?**

“Sim, os moradores podiam falar mais, seria muito bom”.

**12. Como membro da comunidade como você analisa a rádio comunitária do seu bairro?**

“Nossa rádio é muito importante, quando participo dela e vejo outras pessoas falando, sinto que estamos ganhando cada vez mais espaço, sinto que nosso bairro está sendo visto, que nossos problemas podem ser ouvidos e melhor ainda que podemos juntos resolvê-los”.

**13. Como você avalia o alcance da rádio no dia a dia do bairro?**

“Tem caixas de som com os programas da rádio em todo o nosso bairro, ela começou bem pequena e hoje vem crescendo com a ajuda dos moradores, alguns ainda não participam, mas estamos tentando mudar isso incentivando que todos deem sua opinião porque se não passarmos nossa mensagem ninguém vai saber das nossas coisas e resolver nossos problemas”.

**14. Houve mudanças no bairro depois que as atividades da rádio se iniciaram?**

“Acho que sim, as pessoas começaram a falar mais e participar das coisas do nosso bairro”.

**15. Você já sentiu que suas intervenções na rádio puderam modificar as visões de outros seguimentos da sociedade?**

“Acho que sim, já vi pessoas que gostaram e fizeram coisas que eu falei lá na rádio.”

## RESPOSTAS DO ENTREVISTADO 03:

**1. Você é conhecedor da rádio comunitária do seu bairro?**

“Sim, acho que a maioria sabe”.

**2. Qual a sua percepção sob a programação que a rádio traz para esta comunidade?**

“Minha percepção é que a programação da rádio é muito boa, consegue nos informar sobre coisas que ocorrem no bairro, deixa claro que podemos participar e colocar o que queremos na programação”.

**3. Você mudaria algo na grade de programação que a rádio apresenta? Se sim, o que?**

“Não”.

**4. Você participa das programações da rádio do seu bairro? Se não, por quê?**

“Raramente eu ouço a rádio, mas quando ouço procura participar dando minha opinião, tenho uma jornada de trabalho e não fico muito em meu bairro, quase não tenho tempo de ouvir a rádio comunitária, mas busco sempre saber sobre o que está acontecendo através do que os vizinhos e familiares que me falam”.

**5. Como o radialista incentiva a participação da comunidade nos programas da rádio?**

“O radialista sempre mencionava que todos nós poderíamos estar entrando em contato por telefone ou pessoalmente para dar suas sugestões, pedir músicas ou até mesmo dizer algo que não estava agradando nos programas da rádio”.

**6. Você acha que poderia ser diferente a conduta do radialista?**

“Não, estou satisfeito”.

**7. De quais programas você costuma participar dentro da rádio comunitária?**

“Como disse é difícil eu participar, fico sabendo mais pelos meus parentes das coisas”.

**8. Quais temas você já abordou dentro da rádio comunitária?**

“Das vezes que participei pedi música e dei um aviso”.

**9. Em algum momento você foi impedido de falar sobre algum tema ou de dar a sua opinião sobre determinado assunto dentro da rádio?**

“Não”.

**10. Quais temas você gostaria de abordar e/ou participar dentro da rádio comunitária de seu bairro?**

“Meu desejo é poder continuar falando sobre o que acho importante para meu bairro, coisas que possam melhorar a minha vida e a dos meus amigos e parentes”.

**11. Acredita que a participação da comunidade nos assuntos abordados pela rádio poderia ser maior?**

“Não sei dizer como acontece essas coisas”.

**12. Como membro da comunidade como você analisa a rádio comunitária do seu bairro?**

“A rádio é importante para todo mundo dizer as questões do bairro e falar o que pensa”.

**13. Como você avalia o alcance da rádio no dia a dia do bairro?**

“Eu acho que está chegando onde precisa e fazendo as pessoas ouvirem”.

**14. Houve mudanças no bairro depois que as atividades da rádio se iniciaram?**

“Pelo que me falam, acho que sim”.

**15. Você já sentiu que suas intervenções na rádio puderam modificar as visões de outros seguimentos da sociedade?**

“Participo pouco, então digo que não.”

#### RESPOSTAS DO ENTREVISTADO 04:

**1. Você é conhecedor da rádio comunitária do seu bairro?**

“Conheço sim”.

**2. Qual a sua percepção sob a programação que a rádio traz para esta comunidade?**

“A programação da rádio tá ótimo levando informação, música, coisas maravilhosas para nossa comunidade. As pessoas estão falando de assuntos importantes para nosso bairro”.

**3. Você mudaria algo na grade de programação que a rádio apresenta? Se sim, o que?**

“Não mudaria”.

**4. Você participa das programações da rádio do seu bairro? Se não, por quê?**

“Participo sim e gosto de falar de tudo e também gosto das programações”.

**5. Como o radialista incentiva a participação da comunidade nos programas da rádio?**

“O radialista é ótimo, deixa todo mundo falar, convida o povo”.

**6. Você acha que poderia ser diferente a conduta do radialista?**

“Não”.

**7. De quais programas você costuma participar dentro da rádio comunitária?**

“Já participei pedindo música, falando sobre alguns problemas na minha rua, indicando o trabalho de uma amiga para os vizinhos, um programa que gosto muito é a hora da verdade, nesse sempre estou participando”.

**8. Quais temas você já abordou dentro da rádio comunitária?**

“Já participei pedindo música, também já opinei sobre alguns problemas de violência que estavam acontecendo na minha rua, já questionei sobre as propostas do antigo presidente do bairro e já perguntei porque não temos mais notícias sobre as coisas da nossa região”.

**9. Em algum momento você foi impedido de falar sobre algum tema ou de dar a sua opinião sobre determinado assunto dentro da rádio?**

“Ninguém nunca me impediu de falar, foi tudo bem sempre que falei na programação”.

**10. Quais temas você gostaria de abordar e/ou participar dentro da rádio comunitária de seu bairro?**

“Gostaria de falar sobre projetos que existem na comunidade, como por exemplo, as escolinhas de futebol, os trabalhos da associação comunitária e eventos que acontecem no bairro e a gente nem fica sabendo”.

**11. Acredita que a participação da comunidade nos assuntos abordados pela rádio poderia ser maior?**

“Eu nunca tive problemas em falar coisas que penso, os radialistas sempre me deixavam falar de tudo, já falei até de política que dá maior confusão, mas o que mais me deixa feliz é poder me expressar sem medo do que vou dizer, porque sei que quem vai me ouvir pertence ao mesmo lugar que eu”.

**12. Como membro da comunidade como você analisa a rádio comunitária do seu bairro?**

“Ela é fundamental para nossa população, porque é com ela que sabemos das notícias e do que acontece aqui”.

**13. Como você avalia o alcance da rádio no dia a dia do bairro?**

“Avalio que todo mundo tá conseguindo ouvir a rádio, só precisam valorizar mais ela”.

**14. Houve mudanças no bairro depois que as atividades da rádio se iniciaram?**

“Eu acho que houve sim, ficamos mais fortes e nossas ideias foram chegando no bairro”.

**15. Você já sentiu que suas intervenções na rádio puderam modificar as visões de outros segmentos da sociedade?**

“A rádio veio pra nos mostrar que temos voz e vez, foi importante pra nos dar consciência e nos educar pra que a gente fosse atrás dos nossos direitos. Através da rádio nós conseguimos ser vistos em outros lugares e pudemos falar nossa verdade e estamos vendo resultados positivos. Eu me senti bastante valorizado e acho que os outros moradores do bairro também se sentem, ainda temos um longo caminho pela frente e é por isso que seguimos fortalecendo nossa rádio.”

## RESPOSTAS DO ENTREVISTADO 05:

**1. Você é conhecedor da rádio comunitária do seu bairro?**

“Sim, é a rádio Z”.

**2. Qual a sua percepção sob a programação que a rádio traz para esta comunidade?**

“A rádio traz algumas informações desnecessárias, que a todo momento é propaganda e que poderia ter um pouco mais de notícias criminais e cívicas que expusessem a realidade do bairro, além de se manter uma programação religiosa constante”.

**3. Você mudaria algo na grade de programação que a rádio apresenta? Se sim, o que?**

“Talvez um pouco mais de notícias do bairro”.

**4. Você participa das programações da rádio do seu bairro? Se não, por quê?**

“É difícil eu participar porque eu trabalho bastante”.

**5. Como o radialista incentiva a participação da comunidade nos programas da rádio?**

“Os radialistas chamam mesmo para que todos falem”.

**6. Você acha que poderia ser diferente a conduta do radialista?**

“Poderia ser um pouco mais próximo da comunidade”.

**7. De quais programas você costuma participar dentro da rádio comunitária?**

“Já participei algumas vezes dando minhas opiniões, sempre fui bem tratado e pude deixar bem claro o que eu pensava, falei da importância de as pessoas conhecerem melhor a rádio, inclusive até dei ideias sobre coisas que poderiam chamar a atenção de todos do bairro”.

**8. Quais temas você já abordou dentro da rádio comunitária?**

“É um pouco difícil eu participar, mas quando posso gosto de falar de tudo um pouco, já dei minha opinião sobre melhorias no bairro”.

**9. Em algum momento você foi impedido de falar sobre algum tema ou de dar a sua opinião sobre determinado assunto dentro da rádio?**

“Não”.

**10. Quais temas você gostaria de abordar e/ou participar dentro da rádio comunitária de seu bairro?**

“Não me sinto confortável para falar de assuntos muito polêmicos, pois sinto que essa rádio poderia ser mais próxima da comunidade e falar mais dos nossos assuntos”.

**11. Acredita que a participação da comunidade nos assuntos abordados pela rádio poderia ser maior?**

“Poucas pessoas participam dos programas, acho que é por vergonha, mas deveria ter mais gente falando dos nossos problemas ao invés de coisas que importam pro bairro.”

**12.** Como membro da comunidade como você analisa a rádio comunitária do seu bairro?

“Muito importante essa rádio e pode melhorar mais ainda ficando perto das pessoas que moram aqui”.

**13.** Como você avalia o alcance da rádio no dia a dia do bairro?

“Acho que as pessoas conseguem ouvir, mas só tem vergonha de participarem”.

**14.** Houve mudanças no bairro depois que as atividades da rádio se iniciaram?

“Não sei dizer, acho que sim e ainda podia fazer mais”.

**15.** Você já sentiu que suas intervenções na rádio puderam modificar as visões de outros seguimentos da sociedade?

“Apesar de não gostar de falar de assuntos polêmicos, acredito que das vezes que participei foi bem recebido e mudou algumas coisas”

#### RESPOSTAS DO ENTREVISTADO 06:

**1.** Você é conhecedor da rádio comunitária do seu bairro?

“Eu conheço sim”.

**2.** Qual a sua percepção sob a programação que a rádio traz para esta comunidade?

“Gosto das músicas que a rádio traz e das promoções”.

**3.** Você mudaria algo na grade de programação que a rádio apresenta? Se sim, o que?

“Acho que poderiam nos deixar mais à vontade e deixar falarmos mais”.

**4.** Você participa das programações da rádio do seu bairro? Se não, por quê?

“Devido o trabalho participo só quando posso”.

**5.** Como o radialista incentiva a participação da comunidade nos programas da rádio?

“Ele chama nos programas para as pessoas falem”.

**6.** Você acha que poderia ser diferente a conduta do radialista?

“Acho que deveria ser mais parceiro, aceitar as falas das pessoas e não ficar cortando as opiniões”.

**7.** De quais programas você costuma participar dentro da rádio comunitária?



“Participo nos programas que tem música, porque gosto muito de fazer minhas tarefas de casa ouvindo as músicas que gosto, como a caixinha da rádio é bem próxima a minha casa, consigo pedir e escutar as minhas músicas favoritas”.

**7.1. Já participou de outros programas com discussões sociais e problemáticas da comunidade?**

“Não gosto de me envolver nessas questões, também nunca me senti confortável para falar desses assuntos, sempre geram confusões e muitas vezes nem podemos falar direito o que pensamos”.

**8. Quais temas você já abordou dentro da rádio comunitária?**

“Programas de músicas”.

**9. Em algum momento você foi impedido de falar sobre algum tema ou de dar a sua opinião sobre determinado assunto dentro da rádio?**

“Sim, não deixam falar direito o que pensamos”.

**10. Quais temas você gostaria de abordar e/ou participar dentro da rádio comunitária de seu bairro?**

“Não me sinto confortável para falar de assuntos muito polêmicos, pois sinto que essa rádio poderia ser mais próxima da comunidade e falar mais dos nossos assuntos”.

**11. Acredita que a participação da comunidade nos assuntos abordados pela rádio poderia ser maior?**

“Das vezes que participei não fiquei muito à vontade não, porque muitas pessoas e até mesmo o radialista falou de algo que eu não concordava e quando fui falar mais detalhes, percebi que eles não ficaram satisfeitos, lembro até que o assunto era sobre uma rua de lazer que queriam fazer, foi a última vez que falei na rádio”.

**12. Como membro da comunidade como você analisa a rádio comunitária do seu bairro?**

“Poderia ser melhor, deixar a população falar a vontade e deixando todo mundo a vontade”.

**13. Como você avalia o alcance da rádio no dia a dia do bairro?**

“Apesar de ter muitos pontos onde podemos ouvir, não vejo muitas pessoas interessadas em colaborar com a rádio, além disso as pessoas que participam não aceitam muito bem opiniões contrárias e isso afasta as pessoas. Como já disse, gosto apenas de pedir minha música, mas queria poder mudar algumas coisas lá e outras pessoas também acham isso”.

**14. Houve mudanças no bairro depois que as atividades da rádio se iniciaram?**

“Não sei te dizer”.

**15. Você já sentiu que suas intervenções na rádio puderam modificar as visões de outros seguimentos da sociedade?**

“Não senti isso não”.

**RESPOSTAS DO ENTREVISTADO 07**

**1. Você é conhecedor da rádio comunitária do seu bairro?**

“Sim conheço”.

**2. Qual a sua percepção sob a programação que a rádio traz para esta comunidade?**

“Acho legal as programações e as promoções do comércio que são faladas”.

**3. Você mudaria algo na grade de programação que a rádio apresenta? Se sim, o que?**

“Não, nem gosto muito de me envolver nessas coisas se tá bom para as pessoas, então tá tudo bem”.

**4. Você participa das programações da rádio do seu bairro? Se não, por quê?**

“Coloco as promoções do meu comércio, isso é muito bom pra mim”.

**5. Como o radialista incentiva a participação da comunidade nos programas da rádio?**

“O radialista pede pra gente falar, aí eu vejo que muita gente vai lá e participa”.

**6. Você acha que poderia ser diferente a conduta do radialista?**

“Não, tá bom desse jeito”.

**7. De quais programas você costuma participar dentro da rádio comunitária?**

“De todos que deixam eu colocar as minhas promoções, todo mundo no bairro acha útil saber onde e quais são os preços mais em conta, isso ajuda os moradores”.

**8. Quais temas você já abordou dentro da rádio comunitária?**

“Não participo de nenhum tema de conversa, não gosto de gerar problemas pra mim, só me envolvo mesmo para divulgar”.

**9. Em algum momento você foi impedido de falar sobre algum tema ou de dar a sua opinião sobre determinado assunto dentro da rádio?**

“Não”.

**10. Quais temas você gostaria de abordar e/ou participar dentro da rádio comunitária de seu bairro?**

“Na verdade, não gosto de falar sobre nada que me cause problemas, prefiro ficar na minha, pois tenho muitas coisas para fazer em meu comércio e não quero mais problemas”.

**11. Acredita que a participação da comunidade nos assuntos abordados pela rádio poderia ser maior?**

“Vejo sempre as pessoas falando e participando da rádio, mas algumas vezes as outras pessoas não estão interessadas, então tá ótima a participação nas coisas de divulgação e também vejo que depois da rádio todo mundo veio mais vezes em meu comércio e aproveitou as promoções”.

**12. Como membro da comunidade como você analisa a rádio comunitária do seu bairro?**

“A rádio é boa para quem gosta de música, de promoções, de escutar palavras bonitas da igreja. Ela pode fazer bem para quem se sente sozinho, agora pra mim é legal porque posso falar das promoções que faço no meu comércio e todos vão ficar sabendo e vão querer ir até lá”.

**13. Como você avalia o alcance da rádio no dia a dia do bairro?**

“Atinge a todos porque meu comércio tá bem movimentado e eles falam que ouviram na rádio que estava em promoção, então eu sei que a alcance tá maravilhoso em nosso bairro, só que quando são outros assuntos nem todo mundo se importa”.

**14. Houve mudanças no bairro depois que as atividades da rádio se iniciaram?**

“A única mudança de verdade que percebi foi a respeito do meu comércio, o movimento aumentou e consegui mais clientes, fora isso não teve mais nada. Os outros moradores até falam dos problemas do bairro, mas ninguém ouve porque o espaço para falar ainda é pequeno e muitas vezes é desorganizado. Além disso, as pessoas hoje em dia procuram mais a internet e a TV pra se informar e dar opinar sobre os assuntos”.

**15. Você já sentiu que suas intervenções na rádio puderam modificar as visões de outros seguimentos da sociedade?**

“Só ouve a rádio quem é do bairro, nossas opiniões ficam pra nós mesmos. Nunca vi a nossa realidade ser falada em outro lugar, aqui tem coisas boas e ruins, mas na TV e nos jornais só aparecem as coisas ruins, não no sentido de ajudar, mas sim de fazer com que outras pessoas tenham preconceito com o lugar onde moramos”.

## RESPOSTAS DO ENTREVISTADO 08

**1. Você é conhecedor da rádio comunitária do seu bairro?**

“Sim eu conheço bastante”.

**2. Qual a sua percepção sob a programação que a rádio traz para esta comunidade?**

“Eu me senti um pouco desfavorecido por não ter sido atendido em minha sugestão, são muitas propagandas e muitas coisas religiosas, eu que não sou católico me sinto excluído”.

**3. Você mudaria algo na grade de programação que a rádio apresenta? Se sim, o que?**

“Sim, eu iria diminuir toda a programação religiosa e incluir programas uteis a comunidade. Com o interesse em projetos, política, economia, saúde, lazer”.

**4. Você participa das programações da rádio do seu bairro? Se não, por quê?**

“Já não participo porque percebi que tudo que eu falava não era atendido e nem ouvido pelas pessoas, não davam importância ao que eu falava”.

**5. Como o radialista incentiva a participação da comunidade nos programas da rádio?**

“Ele chama as pessoas para pedir música, fazer sorteio de brindes e nada mais”.

**6. Você acha que poderia ser diferente a conduta do radialista?**

“Sim, ele poderia valorizar mais o que a comunidade tem a dizer sobre coisas que realmente importam”.

**7. De quais programas você costuma participar dentro da rádio comunitária?**

“Eu participava muito das programações, pedia música, contava minhas experiências, dava minhas opiniões, contribuía com minhas ideias. Mas, deixei de fazer isso quando percebi que não era atendido, minha opinião parecia não ter valor”.

**8. Quais temas você já abordou dentro da rádio comunitária?**

“Quando eu participava sempre falava sobre a questão das lixeiras viciadas em nosso bairro, da falta de respeito de alguns moradores, também questionava sobre as programações religiosas que eram constantes e nem todo mundo gostava, infelizmente nada do que falei foi discutido por outros moradores ou mesmo pelo radialista, tudo que falei ali, por ali mesmo ficou”.

**9. Em algum momento você foi impedido de falar sobre algum tema ou de dar a sua opinião sobre determinado assunto dentro da rádio?**

“Sim fui impedido e senti que o que eu dizia estava sendo desmerecido”.

**10. Quais temas você gostaria de abordar e/ou participar dentro da rádio comunitária de seu bairro?**

“Falaria de política, educação, sobre os jovens, também iria falar sobre tudo que deixaria nosso bairro melhor”.

**11. Acredita que a participação da comunidade nos assuntos abordados pela rádio poderia ser maior?**

“Deixei de participar das programações da rádio por isso. Sempre que falava algo que não estava de acordo com a maioria, eu era impedido de continuar a falar ou quando falava sentia que não gostavam do que eu falava”.

**12. Como membro da comunidade como você analisa a rádio comunitária do seu bairro?**

“Precisa melhorar muito para atender as necessidades da população, a rádio deveria ser de todos daqui e não vejo isso”.

**13. Como você avalia o alcance da rádio no dia a dia do bairro?**

“Se for sobre música, religião e propaganda a rádio tá ótima, mas se for falar de outras de outros temas ela precisa melhorar muito”.

**14. Houve mudanças no bairro depois que as atividades da rádio se iniciaram?**

“Não vi nem uma mudança acontecer depois que a rádio começou seus trabalhos, eu tentei participar, dar minha opinião e falar sobre nosso bairro, mas sempre era impedido quando o radialista, e até mesmo outros moradores, não concordavam comigo. Quem tem a mesma opinião até tem espaço pra falar, mas ninguém faz nada pra mudar as coisas”.

**15. Você já sentiu que suas intervenções na rádio puderam modificar as visões de outros seguimentos da sociedade?**

“De forma alguma, isso não acontece aqui”.

RESPOSTAS DO ENTREVISTADO 09

**1. Qual a sua percepção sob a programação que a rádio traz para esta comunidade?**

“Nossa rádio comunitária traz a população dessa comunidade uma programação diversificada que busca chegar a todos e trazer a realidade local. Todos os programas trazem a dinâmica que a população gosta”.

**2. Como radialista, você mudaria algo na grade de programação que a rádio apresenta? Se sim, o que?**

“Penso que nossa programação está sempre respeitando nossa comunidade, mas sempre que percebo a necessidade de modificar alguma coisa, procuro verificar se as pessoas também gostam e querem um novo programa, é assim que funciona desde que a rádio foi criada”.

**3. As pessoas da comunidade participam das programações da rádio? Se não, por quê?**

“A comunidade está sempre envolvida na programação, procuram sempre pedir suas músicas, colocar seus anúncios, dar opiniões. Então, vejo que a participação está acontecendo bastante em nossas programações. Em nossos programas, estamos sempre incentivando que a população dê sua opinião e demonstre toda sua satisfação ou descontentamento com os conteúdos que preparamos diariamente”.

**4. Como radialista, de que maneira você incentiva a participação da comunidade nos programas da rádio?**

“Nosso microfone está sempre aberto para a participação popular, sempre deixo bem claro para as pessoas que elas podem vir a rádio ou entrar em contato para falar e expressar suas ideias. Essa rádio é livre e pertence a eles e a cada programa procuro demonstrar isso a eles”.

**5. Você acha que poderia ser diferente sua conduta como radialista?**

“Todo mundo pode fazer sempre melhor na sua profissão, acredito que eu poderia criar mais projetos para a comunidade e despertar o desejo neles de estarem conosco nesses projetos”.

**6. De quais programas a comunidade costuma participar dentro da rádio comunitária?**

“Eles gostam de participar das programações que tem pedidos musicais, gostam de deixar suas atividades de trabalho, suas promoções e serviços. Alguns participam dando opinião nos programas de entrevistas, tiram dúvidas e dão sugestão”.

**7. Quais temas a comunidade já abordou dentro da rádio comunitária?**

“Política, religião, projetos do bairro, pedidos de música, divulgação de serviços e promoções, problemas de segurança na comunidade, questões sobre lixeiras viciadas e o cuidado com nosso lugar”.

**8. Em algum momento você percebeu que o ouvinte se sentiu desconfortável para falar sobre algum tema ou de dar a sua opinião sobre determinado assunto dentro da rádio?**

“Não, nunca percebi algo sim, porque sempre deixo os ouvintes bem à vontade. É claro que existe uma timidez de alguns, mas nada fora do normal”.

**09. Quais temas você gostaria que o ouvinte abordasse e/ou participasse dentro da rádio comunitária?**

“Que eles tivessem mais envolvimento em questões mais importantes para a melhoria do nosso lugar, por exemplo, falando mais de educação, de segurança, envolvimento dos jovens, sugestões de projetos”.

**10. Acredita que a participação da comunidade nos assuntos abordados pela rádio poderia ser maior?**

“Poderia sim, há muitas pessoas da comunidade que tem receio de falar, tem vergonha e preferem ficar quietinhos sem se manifestar”.

**11. Como radialista e membro da comunidade como você analisa a rádio comunitária do seu bairro?**

“Nossa rádio é muito elogiada por todos, eu analiso que ela tem feito um papel muito importante na vida das pessoas e mudado o cenário de esquecimento que vivíamos”.

**12. Como você avalia o alcance da rádio no dia a dia do bairro?**

“Ela está chegando nos mais diversos lares e ficando cada vez mais com a cara da comunidade e sempre tentamos chegar mais perto ainda de cada morador”.

**13. Houve mudanças no bairro depois que as atividades da rádio se iniciaram?**

“Com certeza nossa comunidade percebeu que pode fazer mais e se conectar para mudar realidades e construir coisas boas, mesmo na periferia”.

## RESPOSTAS DO ENTREVISTADO 10

**1. Qual a sua percepção sob a programação que a rádio traz para esta comunidade?**

“A rádio traz uma programação muito bem definida que combina com o gosto da população. A maioria sempre demonstra está gostando de todos os programas. Claro que não podemos agradar a todos, mas conseguimos atingir grande parte da comunidade”.

**2. Como radialista, você mudaria algo na grade de programação que a rádio apresenta? Se sim, o que?**

“Toda nossa programação é para a população, não mudaria nada por enquanto. Porém, se precisar no futuro iria fazer um programa para os talentos da nossa comunidade”.

**3. As pessoas da comunidade participam das programações da rádio? Se não, por quê?**

“Nossos programas estão sempre cheios da participação das pessoas, elas gostam de estar envolvidas na rádio, seja pedindo suas músicas ou falando de variados assuntos”.

**4. Como radialista, de que maneira você incentiva a participação da comunidade nos programas da rádio?**

“Sempre que o programa permite convido as pessoas para participar, peço que participem pedindo música, colocando anúncios, mostrando coisas que elas gostam, dando suas ideias, sorteando brindes e muito mais”.

**5. Você acha que poderia ser diferente sua conduta como radialista?**

“Estou tentando sempre dar o meu melhor como radialista, para que as pessoas se sintam perto de mim, tento entender o lado de cada um”.

**6. De quais programas a comunidade costuma participar dentro da rádio comunitária?**

“A comunidade é bem eclética adora pedir música, estar bem informada e antenada com tudo que acontece por aqui. E são nos programas que tem essa roupagem que elas mais participam”.

**7. Quais temas a comunidade já abordou dentro da rádio comunitária?**

“Os principais que posso destacar são: violência, pedidos de músicas, anúncios, sorteio de brindes, expor ideias sobre política também”.

**8. Em algum momento você percebeu que o ouvinte se sentiu desconfortável para falar sobre algum tema ou de dar a sua opinião sobre determinado assunto dentro da rádio?**

“Não. Os ouvintes que participam falam sempre com muita segurança e são sempre respeitados por todos. Nunca presenciei nada desse tipo”.

**09. Quais temas você gostaria que o ouvinte abordasse e/ou participasse dentro da rádio comunitária?**

“Acredito que a questão nem seja os temas, mas eu gostaria que mais gente se envolvesse em nossa rádio e que curtisse a ideia de ter uma rádio que os representa”.

**10. Acredita que a participação da comunidade nos assuntos abordados pela rádio poderia ser maior?**

“Sim, como disse na outra pergunta, nossa comunidade precisa entender que estamos aqui por eles para melhorar nossas questões comunitárias”.

**11. Como radialista e membro da comunidade como você analisa a rádio comunitária do seu bairro?**

“Essa rádio foi criada para deixar as pessoas ligadas umas às outras e para fazer um bairro melhor e unido, até aqui sei que ela está fazendo um ótimo papel na vida de todos e sei que pode melhorar”.

**12. Como você avalia o alcance da rádio no dia a dia do bairro?**

“Podemos chegar em mais lugares, falta investimento e estrutura para melhorar o nosso alcance. Dentro das possibilidades estamos muito bem”.

**13. Houve mudanças no bairro depois que as atividades da rádio se iniciaram?**

“Nossos moradores perceberam que poderiam fazer parte de um projeto pra mudar a comunidade, e posso dizer que mudou sim a forma como eles enxergam a rádio e o papel que ela tem, por isso estou feliz com os resultados”.